

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**ESTUDO DA CONJUGALIDADE E DA PARENTALIDADE ATRAVÉS DA
SATISFAÇÃO CONJUGAL E DA ALIANÇA PARENTAL**

Ana Sofia Rodrigues Pires

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2008

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



**ESTUDO DA CONJUGALIDADE E DA PARENTALIDADE ATRAVÉS DA
SATISFAÇÃO CONJUGAL E DA ALIANÇA PARENTAL**

Ana Sofia Rodrigues Pires

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro e co-
orientada pela Professora Doutora Ana Sousa Ferreira**

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2008

AGRADECIMENTOS

Quero deixar o meu agradecimento a todos os sujeitos participantes deste estudo, pois sem eles este não seria possível. Um especial obrigado a todos aqueles a quem eu pedi para responderem aos questionários.

Depois, às professoras Dra. M. Teresa Ribeiro, pela sua orientação e amizade e à Dra. Ana Sousa Ferreira, pela sua incansável disposição para me auxiliar nas análises estatísticas.

Não posso deixar de agradecer às pessoas que estiveram sempre do meu lado e assistiram a todos os altos e baixos decorrentes da elaboração deste estudo.

Assim, o meu muito obrigado, aos meus pais e irmã, que desde o primeiro segundo me incentivaram à execução deste mestrado, contribuindo pois para o impulsionar deste.

Ao meu companheiro de vida, não tenho palavras para agradecer todo o apoio dado, as palavras certas no momento certo; o ombro para chorar nos momentos de angústia e a comunhão para partilhar os pequenos avanços de cada passo desta monografia.

A todos um enorme OBRIGADO!

RESUMO

A presente monografia incide sobre o estudo da Conjugalidade e da Parentalidade, especificamente sobre dois dos respectivos indicadores – Satisfação Conjugal e Aliança Parental. De modo a verificar a existência de uma relação entre os indicadores anteriormente referidos, recorreu-se a uma amostra de 423 indivíduos portugueses casados e com filhos que responderam à Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC; Narciso e Costa, 1996), ao Inventário da Aliança Parental (IAP; Abidin, 1988) e a um Questionário de Dados Sócio-Demográficos. Pretendeu-se ainda demonstrar como as variáveis *EASAVIC Escala Global* e *IAP Escala Global* se comportavam sob a influência das variáveis *Idade dos filhos*, *Nível Socio-económico* e *Sexo*. Efectuadas as respectivas análises estatísticas, verificou-se que ter filhos diminui os níveis de satisfação conjugal; existe uma correlação entre satisfação conjugal e aliança parental; os níveis socio-económicos mais elevados conduzem a níveis de satisfação conjugal e de aliança parental mais elevados; os indivíduos participantes do sexo masculino revelam níveis mais elevados de aliança parental que os de sexo feminino. Estes resultados espelham a importância de estudar o binómio “cônjuge-pai”, nomeadamente o impacto deste numa relação conjugal.

Palavras-chave: Conjugalidade, Satisfação Conjugal, Parentalidade, Aliança Parental

ABSTRACT

The following dissertation focus on the study about marital relationships and parenting, more precisely on their respective indicators: marital satisfaction and parental alliance. In order to assess the existence of a relationship between these two indicators, a sample of 423 married (Portuguese) individuals with children was taken. These individuals answered the following instruments: EASAVIC (Narciso e Costa, 1996), IAP (Abidin, 1988) and a socio-demographic questionnaire. This study also intends to demonstrate how the *EASAVIC Global Scale* and *IAP Global Scale* variables behave when submitted through the *child's age*, *socio-economical level* and *gender* variable's influence. Completed the statistical analysis, it was found that children in the marriage decreases the marital satisfaction; there's also a correlation between marital satisfaction and parental alliance; higher socio-economical levels tend to raise marital satisfaction and parental alliance's levels. Male individuals tend to display higher parental alliance's levels than those from the opposite gender. These results demonstrate the importance and impact in studying the "spouse-parent" binomial relating a marital relationship.

Keywords: Marital Relationships, Marital Satisfaction, Parenting, Co-parenting, Parental Alliance

Índice

INTRODUÇÃO	7
ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL	8
1. A Família	8
2. Conjugalidade.....	10
2.1. Satisfação Conjugal	11
3. Parentalidade	14
3.1. Aliança Parental.....	16
4. Quando a parentalidade se cruza com a conjugalidade	17
PROCESSO METODOLÓGICO	21
Objectivos e Conceptualização do estudo	21
Mapa Conceptual	23
Seleção da Amostra	24
1.1. Seleção dos participantes	24
1.2. Composição da amostra em estudo.....	24
Instrumentos de Avaliação.....	27
1.1. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC; Narciso e Costa, 1996).....	27
1.2. Inventário de Aliança Parental (IAP; Abidin, 1988)	28
Procedimentos	29
1.1. Pré-tratamento de dados.....	29
1.2. Verificação do pressuposto de normalidade	30
1.3. Tratamento de dados	30
RESULTADOS	30
1. Ter filhos tem influência na conjugalidade?	31
1a) Ter filhos tem influência na satisfação conjugal?	31
2. Existe uma relação entre a conjugalidade e a parentalidade?	32
2a) Existe uma relação entre satisfação conjugal e a aliança parental?	32
3. O tempo tem influência na conjugalidade e na parentalidade?	33
3a) A idade dos filhos tem influência nos níveis de satisfação conjugal?	34
3b) A idade dos filhos tem influência na força da aliança parental?	35
4. O Nível Socio-económico pode influenciar a conjugalidade e a parentalidade?	35
4a) O Nível Socio-económico pode influenciar a satisfação conjugal?	35

4b) O Nível Socio-económico pode influenciar a aliança parental?	36
5. O Sexo pode influenciar a conjugalidade e a parentalidade?	37
5a) Ser homem ou mulher influencia os resultados da satisfação conjugal?	37
5b) Ser homem ou mulher influencia os resultados da aliança parental?.....	37
5c) Ter um filho do sexo masculino ou do sexo feminino influencia a satisfação conjugal?	38
5d) Ter um filho do sexo masculino ou do sexo feminino influencia a aliança parental? ..	39
DISCUSSÃO	39
Síntese e discussão de resultados	39
Críticas e sugestões para investigações futuras.....	42
CONCLUSÕES.....	43
BIBLIOGRAFIA.....	45

INTRODUÇÃO

A presente monografia insere-se no âmbito de Mestrado Integrado em Psicologia, núcleo de Psicologia Clínica Sistémica adequado ao processo de Bolonha.

Uma monografia é uma dissertação que organiza, de forma analítica e crítica, dados sobre um tema reconhecido por diferentes fontes. Esta não precisa necessariamente de apresentar resultados académicos inéditos. Assim, serve a presente para traduzir a investigação elaborada relativamente aos temas Conjugalidade e Parentalidade, mais concretamente a Satisfação Conjugal e a Aliança Parental, pretendendo pois, contribuir para uma reflexão sobre o impacto que uma criança pode ter no casamento.

Este estudo permitiu aliar o meu interesse pessoal e profissional sobre estes dois grandes temas – Conjugalidade e Parentalidade – com o desejo de ver feita alguma investigação que conjugasse os mesmos. Habitualmente estes dois temas são tratados separadamente, não se verificando, pois, muita investigação na relação que estes dois conceitos têm, sobretudo em Portugal. Assim, ainda que este seja um pequeno contributo, espera-se que funcione como catalisador de futuras investigações neste campo. Interacção essa que julgo ser muito pertinente estudar nos dias que correm, pois o número de casais que procura ajuda é cada vez maior, bem como o aumento da taxa de divórcio. Conhecermos a influência do modo como estes casais estão a exercer a parentalidade pode ser um factor determinante na melhoria da conjugalidade. Do mesmo modo, cada vez mais, surgem nos consultórios crianças com problemas que muitas vezes são o reflexo de uma incorrecta parentalidade e/ou uma conjugalidade pouco funcional.

Refira-se ainda que, subjacente ao estudo, estará uma concepção sistémica da realidade, onde o sistema familiar, composto pelos vários subsistemas, como o conjugal e o parental, é visto como complexo, aberto, dinâmico e activo. Apresenta assim, avanços e recuos e não um desenvolvimento linear ao longo do tempo.

Este documento está organizado partindo desta introdução para um enquadramento no sistema familiar, sendo que depois é feita uma revisão àquelas que são tidas como as principais considerações teóricas das temáticas e respectivos factores em análise. Seguidamente, apresentam-se alguns estudos que tentam traduzir a relação existente entre estas duas grandes temáticas – Conjugalidade e Parentalidade - (Enquadramento Conceptual), fazendo deste modo, a ponte para o estudo empírico realizado. Face à explicação do modo como esta investigação foi efectuada (Processo Metodológico), apresentam-se os principais resultados obtidos (Resultados) e a respectiva análise, tendo por pano de fundo a revisão teórica efectuada; reservando-se ainda uma anotação das principais limitações e dificuldades sentidas no decorrer deste estudo, aludindo-se para a sua melhoria em trabalhos futuros (Discussão). Por fim, termina-se com algumas considerações finais em que se procura reflectir, de modo a dar uma visão integrada do presente estudo.

ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

No enquadramento conceptual é feita uma breve revisão teórica, de modo a introduzir de forma simples e clara o tema do presente estudo.

Visto este abordar dois temas-chave da Psicologia (mais propriamente da Psicologia Familiar e Sistémica), a Conjugalidade e a Parentalidade, primeiramente reflecte-se sobre estes temas de forma isolada e só depois se abordará a relação entre os mesmos. Contudo, antes aborda-se a questão família, pois não faz sentido focarem-se dois subsistemas, sem antes referir o sistema de que fazem parte – a família.

1. A Família

“Tornar-se família é um dos processos de mudança mais significativos da vida humana”

(Brazelton, 2001)

O conceito de família, no seu sentido tradicional, desenvolve-se a partir de um casal que se une num projecto, numa aliança, originando uma rede extensa e complexa de relações e laços entre os membros que advêm da mesma. São estas relações de convívio e laços de parentesco que vão alicerçar, idealmente, os valores da socialização, entreajuda e solidariedade necessários para o bom funcionamento da família e dos seus membros.

A família, mais do que a mera função de reprodução, continuidade e evolução da espécie, compreende também a passagem dos valores, cultura e comportamentos que moldam a nossa relação com a sociedade e fundamentam o nosso “ser” individual (Ribeiro, 2007).

Este organismo vivo chamado família evolui através de uma série de estádios relativamente previsíveis e universais, constituindo o ciclo vital de desenvolvimento (Falicov, 1988). Para Relvas (1996) e Alarcão (2002) este ciclo de vida familiar compreende 5 etapas: Primeira etapa – *Formação do casal*; Segunda etapa – *Família com filhos pequenos*; Terceira etapa – *Família com filhos na escola*; Quarta etapa – *Família com filhos adolescentes*; e Quinta etapa – *Família com filhos adultos* (ninho vazio). Assim, os ciclos de estabilidade e as sucessivas mudanças dão vida a este sistema, o familiar.

Durante os períodos de estabilidade o sistema tem por base padrões familiares adaptados à realidade em que se insere. Contudo, quando se introduzem mudanças a desorganização instala-se, pois a adequação dos padrões deixa de existir. Este período, tendo uma nota de incerteza e tensão, é muitas vezes penoso. Deste modo, uma reorganização é imperativa. Esta

consiste, então, na integração das exigências actuais com os padrões anteriores, restabelecendo o equilíbrio (Minuchin, Colapinto e Minuchin, 1998).

Deste modo, por exemplo, a transição para a parentalidade promove alterações na estabilidade do sistema familiar, o que implica que o casal faça reajustes para alcançar um novo equilíbrio, no qual passa a ser incluído um novo membro familiar – um filho – e com isto, um novo subsistema, o parental.

Outro aspecto a frisar é a diferenciação que cada indivíduo tem dentro do sistema familiar. Um indivíduo, ao pertencer a diferentes subsistemas, (conjugal, parental, fraternal...), experimenta diferentes níveis de poder e aprende as especificidades de cada papel. Com isto, o sujeito promove um “*eu*” diferenciado, que se relaciona de modo a atingir, idealmente, a reciprocidade dentro de cada papel (Minuchin, 1982).

Assim, como um mesmo indivíduo pode assumir no mesmo sistema, simultaneamente os distintos papéis de cônjuge e pai/mãe, e fá-lo de modo diferenciado, importa analisar estes dois conceitos, o de conjugalidade e o de parentalidade. Não obstante, os membros familiares operam no sistema familiar de modo a que este tenda para a homeostasia e estabilidade funcional. Ou seja, mais que uma ‘soma das partes’, o todo deriva de um ‘enquadramento das partes’ (membros familiares e seus distintos papéis) no sistema familiar. Como tal, importa atentar ainda às influências que os distintos papéis podem exercer sobre cada membro e, consequentemente, à família.

Em termos práticos, considerando um indivíduo, filho de determinados pais, com determinado estilo parental, ao constituir-se cônjuge, levará para o seu novo sistema familiar algumas influências. Ou seja terá, de certo modo, de integrar no seu “*eu*”, o papel de filho com o papel de cônjuge. Se este mesmo indivíduo alargar o seu sistema familiar e constituir prole, passará, então, a acumular aos papéis de filho e de cônjuge, o papel de pai. E mais sistemas poderiam ser incluídos neste exemplo (como o fraternal, e a importância que os irmãos poderiam ter). A nós cabe pois, compreender quais as influências que estes subsistemas têm no sistema familiar. Como já referido, não basta analisar cada subsistema separadamente, mas sim a relação que cada um tem entre si. No presente estudo, optou-se por verificar a existência de um impacto que os papéis de cônjuge simultaneamente com o de pai poderiam ter.

Contudo, antes de se passar para a análise desta relação, trataremos de perceber o significado de cada subsistema, o conjugal e o parental.

2. Conjugalidade

“O casal surge quando dois indivíduos se comprometem numa relação que pretendem que se prolongue no tempo”

(Relvas, 1996)

Conjugalidade refere-se à díade conjugal e constitui um espaço de apoio ao desenvolvimento familiar. É com a formação do casal que tudo tem início. Assim, quando dois indivíduos se comprometem com uma relação estável e duradoura, complementam-se e adaptam-se reciprocamente de modo a constituir um modelo de funcionamento conjugal. Este modelo resulta inicialmente da integração do modelo de conjugalidade construído nas famílias de origem (Sousa, 2006).

Daqui decorre a tarefa primordial de articulação entre individualidade e conjugalidade relativamente às heranças das famílias de origem (Sampaio e Gameiro, 1985). É pois importante que cada membro do casal se entregue ao relacionamento sem ter a sensação de renúncia à sua individualidade ou às suas questões familiares (Minuchin, 1982). Do mesmo modo, não deve renunciar às influências que o cônjuge traz para a relação. Assim, é através deste jogo de equilíbrios e complementaridade que a conjugalidade se torna, idealmente, funcional.

A conjugalidade torna-se então num processo de realidade comum, onde cada membro do casal reconstrói a sua realidade individual, partindo de referências comuns e de uma identidade conjugal (Berger e Kellner, 1964; Veiga da Silva, 2001). Cada definição do cônjuge sobre a realidade deve ser continuamente correlacionada com as definições do outro, que passa a estar presente em praticamente todos os aspectos quotidianos. (Veiga da Silva, 2001).

Ou seja, os dois elementos do casal têm que negociar a vivência a dois. Tal implica tomar uma série de decisões no quotidiano comum, que para além dos ganhos, também implicam perdas (Singly, 2000 *cit* por Aboim, 2006). Como Lourenço e Henriques (2000, *cit* por Aboim, 2006) metaforizam, um casal como “ex-solteiros”, onde o homem e a mulher têm de renunciar a hábitos antigos, integrar o cônjuge em ocasiões que anteriormente viviam sozinhos e inclui-lo na maioria dos seus planos e projecções futuras.

Neste desejo de viverem juntos, de criarem uma nova família e um modelo de relação próprio, deve haver tempo e espaço para o “eu”, o “tu” e o “nós” e não tanto para os “outros”, que ficam para segundo plano.

Assim, uma das funções deste subsistema é o desenvolvimento de limites/fronteiras que protejam o casal da intrusão de outros membros. Desta forma, o casal constitui uma plataforma de suporte para lidar com o stress intra e extra familiar, proporcionando-lhes satisfação das suas necessidades psicológicas (Sousa, 2006).

O período inicial de uma relação é um período de construção (planos e sonhos) e de projecção (de um futuro ideal) tendo por base a fusão e a ilusão do presente (Alarcão, 2002). É um momento de grande envolvimento amoroso. Contudo, o aspecto da conjugalidade não deve

ter por base este momento, mas sim ser visto como algo contínuo. Ou seja, devemos atentar antes aos padrões de relacionamento, pois são estes que mantêm a relação ao longo do tempo, permitindo que esta resista a diversas circunstâncias e às mudanças previsíveis e imprevisíveis do ciclo de vida.

Nesta linha de pensamento, De Franck-Lynch (in Relvas, 2000) postula a existência de três etapas de ciclo de vida do casal. O primeiro estágio – estágio da fusão – refere-se aos primeiros dez anos da relação conjugal. Aqui prima-se o equilíbrio entre a rede social, famílias de origem e outros sistemas de influência para o casal. Os primeiros três anos são, regra geral, os de maior conflitualidade devido às adaptações necessárias. Outras áreas importantes, como o nascimento dos filhos, podem servir como distractores da conflitualidade. Aos sete anos de relação, aproximadamente, verifica-se que a fusão torna-se mais definitiva, havendo uma partilha de poder e resolução de conflitos mais estruturada conjugalmente. Num segundo estágio – retorno ao “tu” e ao “eu” – compreendido entre os dez e os vinte anos, a relação é marcada pelo crescimento e independência dos filhos. Tal permite espaço para uma análise do contributo individual na relação e um reinvestimento na autonomia e individualidade, podendo acentuar-se a ideia e/ou o receio de dissolução. Por fim, num terceiro estágio – empatia – face à saída dos filhos de casa, existe a possibilidade de um voltar à valorização e investimento da relação. Este estágio pode ser pautado por factores como a reforma, os netos, morte de amigos e familiares e com o receio da própria morte e/ou a do cônjuge.

Esta conceptualização aqui apresentada permite a compreensão da conjugalidade como dinâmica ao longo da relação, contribuindo assim para a compreensão dos fenómenos subjacentes a esta como a satisfação conjugal, que seguidamente se aborda.

2.1. Satisfação Conjugal

No presente estudo, no que se refere à conjugalidade, considerou-se o indicador ‘satisfação conjugal’. Este refere-se à avaliação pessoal e subjectiva que o casal faz da sua relação. Isto é, pessoal porque cada indivíduo expressa a sua opinião relativa a si e ao seu cônjuge relativamente ao desempenho de ambos na relação, o quão satisfeito está. Subjectiva, pois cada indivíduo tem os seus critérios para considerar essa satisfação; o que para um indivíduo significa estar satisfeito pode ser algo oposto para outro.

Refira-se que os estudos sobre a conjugalidade podem antes remeter para um conceito semelhante, mas distinto - qualidade relacional. Onde, contrariamente à satisfação conjugal, esta pode operacionalizar-se e ser avaliada por terceiros. Isto é, um investigador que tem por base critérios *a priori* resultantes de exaustiva investigação empírica sobre relações conjugais (Narciso, 2001), avalia o quão funcional uma relação é, diagnosticando a sua “saúde”. Há, pois, uma comparação dos padrões relacionais com a norma.

Ou seja, se através da satisfação conjugal responde-se à questão “satisfeito ou insatisfeito na e com a relação”, com a qualidade relacional afere-se se uma relação “é ou não boa”. Exemplificando a distinção: um indivíduo pode sentir-se satisfeito com a sua conjugalidade ainda que a sua relação seja disfuncional, aos olhos da norma podem ser “auscultados” problemas; do mesmo modo, um indivíduo pode ter aparentemente uma boa relação, onde tudo parece existir para funcionar bem, mas não se sentir satisfeito.

Parece pois claro o valor da averiguação da satisfação conjugal. Tratando-se de algo tão íntimo como uma relação, importa que sejam os indivíduos a definirem pelos seus próprios critérios se estão ou não satisfeitos, e não que essa averiguação resulte de uma etiquetagem exterior que avalie este parâmetro de vida (ainda que com isso se acarretem problemas metodológicos de rigor e exactidão, característicos de uma auto-avaliação).

Assim, atentemos ao conceito de satisfação conjugal e à sua evolução.

Karpel (1994), numa tentativa de clarificar o conceito propõe que um relacionamento satisfatório se caracteriza por sentimentos de paixão, compreensão, alegria e proximidade; pelo equilíbrio entre o apego e a autonomia; pela aceitação de algumas limitações e decepções; pelo reconhecimento de que ninguém pode suprir todas as necessidades da outra pessoa; e de que nenhum relacionamento é isento de problemas.

A partir das tentativas de conceptualização, alguns estudos surgiram visando a construção de modelos teóricos que procuram esclarecer as origens da satisfação nos relacionamentos conjugais.

Por exemplo, de acordo com o modelo de Miller (1976), elaborado nas décadas de setenta, são sete os preditores da satisfação conjugal: os antecedentes de socialização, os papéis de transição na família, o número de filhos, o tempo de casamento, a frequência e a duração da convivência, o nível socio-económico e o espaço para os filhos.

Na década de oitenta Johnson e Booth (1998) propõem um modelo que combina a personalidade e as experiências de vida de ambos os cônjuges, que são sujeitas a influências ambientais e resultam de padrões de interacção que se estabelecem precocemente na história do relacionamento.

Fincham, Beach e Kemp-Fincham (1997) consideram que a vida conjugal é pautada por descontinuidades, isto é, por oscilações entre momentos de afectividade positiva e momentos de afectividade negativa. Tal consideração é coerente com a perspectiva dialéctica na satisfação das relações íntimas. Segundo Narciso (2001) também as relações são dinâmicas, pois resultam da conjugação de dois processos de desenvolvimento. Os dois membros do casal não deixam de ser indivíduos e como tal continuam a ter experiências e sentimentos únicos, continuando a desenvolver-se enquanto seres. Considera assim que a satisfação e a insatisfação não é uma mera dicotomia, mas antes um jogo dinâmico de oposições pelo qual os indivíduos vão passando.

Na mesma linha de pensamento surge o trabalho de Gottman e colaboradores (Gottman e Silver, 2001). Para este, todos os casais têm problemas e atravessam períodos de maior e de menor satisfação. Ou seja as flutuações de satisfação dentro de uma relação são normais. A diferença entre um casal feliz e um casal infeliz surge com o facto dos primeiros serem emocionalmente inteligentes e, com isso, conseguirem estabelecer uma dinâmica que evita que os seus pensamentos e sentimentos negativos se sobreponham aos positivos.

Sintetizando, vários autores consideram que as relações conjugais são “algo” dinâmico, em contínuo crescimento; consequentemente, as percepções subjectivas da relação – satisfação conjugal – também vão variando ao longo do ciclo de vida.

Além desta proposição teórica, outras pesquisas surgem no sentido de apontar variáveis que se relacionam com a satisfação conjugal, tais como sexo (Hiccks e Platt, 1970; Weiss e Palos, 1988; Coleta, 1989), grau de escolaridade (Coleta, 1989), número de filhos e presença deles em casa (Weiss e Palos, 1988), nível socio-económico (Roth e Peck, 1951) e tempo de casamento (Rollins e Cannon, 1974; Coleta, 1989).

Quanto às diferenças de sexo, Hernandez e Oliveira (2003), no seu estudo com 146 casais, onde procuravam investigar os componentes do amor, verificaram que a intimidade comunicativa é o preditor mais significativo, quer para os homens quer para as mulheres. Sendo que quanto mais elevado para as mulheres, mais baixo para os homens. Relativamente ao componente dependência romântica, este revelou-se o preditor de satisfação menos relevante para as mulheres, não se correlacionando com a satisfação dos homens – para valores mais elevados nas mulheres, há um decréscimo na satisfação dos homens. Ou seja, os componentes preditivos da satisfação são diferentes para o homem e para mulher.

Relativamente ao tempo de casamento, a investigação tem encontrado resultados que vão em direcções distintas: um aumento regular na satisfação ao longo do tempo; ou um declínio nos primeiros anos de casamento; ou ainda um padrão curvilíneo, onde se verificam níveis elevados de satisfação nos primeiros anos de casamento, seguidos de um declínio que dura entre 10 a 20 anos, seguido de um aumento após a meia-idade (Narciso, 2001).

Apesar do consenso estar longe, vários autores reconhecem a importância crucial dos primeiros anos da relação. Por exemplo, Leonard e Roberts (1998, *cit* por Fine e Harvey, 2006) salientam a resolução de conflitos nos primeiros anos de casamento, pois é nestes que se revelam e confrontam as principais zonas de conflito entre os membros do casal. No seu estudo longitudinal (3 anos) com recém-casados, verificou que havia um declínio na percepção da qualidade do casamento; contudo, os conflitos não revelaram ser preditores independentes. O que é consonante com a abordagem de Gottman e Silver (2002) e de Costa (1995) que vêem os conflitos como transversais a todo o casamento, importando, pois, o modo como são geridos e integrados.

Num outro estudo longitudinal (9 anos), Lindahl, Clements e Markman (1997), encontraram um declínio na satisfação conjugal nos primeiros 4 anos, seguidos de um período de estabilização.

Também Kurdek (1998) verificou um decréscimo na satisfação conjugal, no seu estudo longitudinal (6 anos). Destaque-se ainda, que a acentuação desse decréscimo deu-se entre o primeiro e o segundo ano de casamento. Associados a este declínio, o autor encontrou os seguintes factores: presença de filhos na fase inicial do casamento; decréscimo da satisfação dos cônjuges com o suporte social recebido; decréscimo da fé/confiança na relação, do valor da ligação e da motivação intrínseca para estarem casados; e, na mulher, aumento da afectividade negativa e crenças disfuncionais acerca da relação. Um contributo relevante deste estudo foi ter verificado que a variabilidade da mudança na satisfação conjugal ao longo dos primeiros seis anos de casamento era explicada por padrões de mudança ao longo dos primeiros quatro anos, mais do que por variáveis de risco avaliadas no momento do casamento.

Ou seja, a mudança é uma constante em todo o desenvolvimento da conjugalidade. Logo não basta ver se um casal tem tudo para ter um casamento satisfeito; há que verificar se ao longo

deste, o casal se sente satisfeito, apesar de todas as contrariedades e desafios pelos quais vai passando.

3. Parentalidade

*“Não só nasceu um novo bebé, como também
uma nova família”*

(Kitzinger, 1980)

A parentalidade refere-se às funções executivas de protecção, educação e integração na cultura familiar das gerações mais novas. Ressalve-se que estas funções podem estar a cargo não só dos pais biológicos, mas também de outros familiares ou até de pessoas que não sejam da família (Sousa, 2006).

Os casais quando decidem ter filhos, muitas vezes acreditam que exercer a parentalidade é algo inato e que a sua experiência enquanto filhos serve de escola para este novo papel. Facto é que, apesar da parentalidade ser um processo tão antigo como o mundo, continua a ser um desafio repleto de dúvidas e incertezas (Costa in Cruz e Pinho, 2006).

Assim, ainda que o subsistema parental comece por construir um modelo de parentalidade resultante dos pais das famílias de origem, é a evolução familiar e os contextos e vivências da própria família que vão desenvolver o modelo de parentalidade (Sousa, 2006).

Importa que nesse modelo de parentalidade, nas interações pais-filho, a criança aprenda a noção de autoridade, o modo como deve negociar e lidar perante um conflito numa relação vertical, desenvolver o sentido de filiação e de pertença familiar (Sousa, 2006). Deve pois aprender a participar activamente neste seu primeiro ambiente de interações face-a-face (Bronfenbrenner, 1986). Ambiente esse que deve ser seguro e fornecer todas as ferramentas para que a criança se desenvolva. Tal torna a tarefa de ser pai muito exigente.

Como tal, o nascimento de um filho implica grandes mudanças e adaptações a novos papéis, responsabilidades e rotinas, tendo por isso um enorme impacto na vida pessoal e familiar dos novos pais. Por isso, as várias classificações do ciclo de vida consideram que o nascimento do primeiro filho é o acontecimento-chave que propicia a transição para uma nova fase da família (Relvas, 1996). As rotinas quotidianas da família alteram-se totalmente. Os pais têm de se adaptar às necessidades do bebé e criar rotinas ligadas à alimentação, ao banho, à hora de dormir, à mudança de fraldas (Fiese, 2006, cit por Crespo, 2007).

Ou seja, tornar-se pai e mãe é um ponto de viragem durante o qual a vida da pessoa adquire uma nova direcção, requerendo a adaptação ou a mudanças na vida e nos comportamentos que se tem. Daqui pode resultar um desequilíbrio, mas também um desenvolvimento e aquisição de competências psicológicas e sociais (Araújo e Canavarro, 2001; Figueiredo, 1997 cit por Monteiro, 2005). Este processo de adaptação, de reequilíbrio familiar, pode implicar um período de tempo mais ou menos prolongado.

O processo de adaptação está dependente do stress sentido pela família com o nascimento do filho. E este aspecto tem sido analisado em diversos estudos, que vêem a chegada do primeiro filho como um momento de crise (Tessier, Piché, Tarabulsky e Muckle, 1992; White e Booth, 1985). Tem-se verificado, ainda, que perante situações de stress as famílias reagem distintamente. Perante uma mesma situação, o nascimento de um filho, uma família pode descompensar, enquanto outra pode apresentar estratégias de *coping* adequadas e funcionais (McCubbin e Patterson, 1983). Ou seja, mais do que vemos o nascimento como um momento pautado por crise, há que verificar o modo como as famílias reagem face a este acontecimento de vida, pois, o grau de stress que uma família sente está dependente da percepção e avaliação familiar deste acontecimento indutor de stress.

Este processo de transição para a parentalidade, tradicionalmente, tem sido considerado como a crise mais importante na vida da mulher, implicando adaptações importantes e a curto prazo. Desde cedo, a agora mãe, tem de ter cuidados redobrados com o seu estilo de vida e hábitos, passará por transformações físicas e psicológicas e estará envolta pelo peso que a sociedade dá à maternidade. Contudo, a gravidez, período entre a concepção e o parto, é apenas um estágio de desenvolvimento que inaugura um estágio de longo prazo, o estágio da maternidade. Neste, ser mãe é uma acomodação contínua entre expectativas e a realidade (Colman e Colman, 1994, *cit* por Crespo, 2007). Aqui começa uma maratona de medos e de surpresas, de decepções e de alegrias, de barreiras e de vitórias.

Nesta corrida de longa distância, o pai tem cada vez maior influência e intervenção. Se o homem ficava alheio de toda a experiência da gravidez e deixava a educação das crianças a cargo da mulher, actualmente há uma verdadeira cooperação entre os progenitores de modo a assegurarem o melhor para os seus filhos e há um vivenciar da paternidade e de todas as emoções a dois. Assim, o homem participa na prestação de cuidados e na educação dos filhos. Mais, também ele sofre transformações psicológicas e presta apoio emocional à mãe das crianças, sendo fundamental neste suporte.

Há pois toda uma alteração na vida destes dois seres que se vêem no papel de pai e de mãe. Como Canavarro (2001) reviu, os progenitores enfrentam tarefas de desenvolvimento cruciais para saberem cuidar e educar de uma criança, contribuindo desta forma, para o desenvolvimento harmonioso da criança e para o próprio desenvolvimento pessoal. Nomeadamente, reavaliação e reestruturação da relação com os pais (família de origem); reavaliação e reestruturação da relação com o cônjuge/companheiro; construção da relação com a criança enquanto pessoa separada; e reavaliação e reestruturação da sua própria identidade.

O estudo desta adaptação e comportamento parental, implica, segundo uma perspectiva transaccional e bioecológica, considerar diferentes níveis de análise. Designadamente, características dos pais; características das crianças; contexto e dinâmicas familiares (micro sistema); o contexto social mais imediato onde a família está inserida (exo sistema); características sociais, económicas, culturais e legais da sociedade envolvente (macro sistema); dimensão temporal em que ocorrem as interações recíprocas entre os níveis mencionados. Porque, como vimos inicialmente, o subsistema parental está inserido no sistema familiar e este, por sua vez, num dado contexto. Assim, idealmente, uma análise completa envolveria estudar não só factores internos, como factores externos que exercem influência no sistema.

Contudo, no presente estudo, dada a natureza quantitativa e grandeza da amostra, um estudo desta envergadura seria demasiado exaustivo e moroso. Assim, relativamente ao comportamento parental, optou-se por estudar apenas um indicador interno seguidamente abordado, a aliança parental.

3.1. Aliança Parental

Na presente secção apresentar-se-á o indicador relativo ao estudo da parentalidade – aliança parental. Este conceito surge em 1985 por Weissman e Cohen para descrever a parte da relação conjugal relativa à parentalidade e ao cuidar de crianças. Para estes autores, uma boa aliança parental estabelece-se se cada pai investir na criança, se cada pai valorizar o investimento e os julgamentos do outro pai e se cada pai desejar comunicar com o outro. Assim a aliança parental é separada dos aspectos românticos e sexuais da conjugalidade e mede o grau de envolvimento e cooperação entre os cônjuges no cuidar da criança (Abidin e Brunner, 1995).

A parceria parental é, no fundo, uma tarefa complexa e interpessoal de adultos que partilham responsabilidades parentais. Exercer esta parentalidade conjunta é bastante importante para o casamento em si e para a parceria parental, apresente-se ela nos modos tradicionais ou nas mais variadas configurações.

De acordo com Floyd, Gilliom e Costigan (1998) a aliança parental deve ser considerada um determinante da qualidade das experiências parentais, mais forte do que outros factores do casamento, visto ser mediadora dos efeitos da qualidade conjugal nas experiências parentais.

Daqui começa a levantar-se o véu para o presente estudo, nomeadamente a relação entre a parentalidade e a conjugalidade. Contudo, como seguidamente a revisão da investigação nesta área demonstra, a aliança parental influencia a conjugalidade, mas a conjugalidade não é condição necessária para haver uma aliança parental. Assim, compreende-se que os estudos sobre a aliança parental se apliquem quer a famílias casadas quer a divorciadas.

A investigação feita com famílias casadas e divorciadas documenta que a qualidade da aliança parental afecta o ajustamento das crianças, a auto-estima dos pais e a qualidade da educação e maturidade dos pais.

Quando os pais se separam, a sua relação co-parental pode afectar a continuidade das ligações da criança com a família alargada e a capacidade dos pais continuarem com as suas vidas e se tornarem inteiramente disponíveis para posteriores relações íntimas (Ahrons, 1994; Erel e Burman, 1995). Porém, alguns estudos indicam que se os pais fomentarem entre eles uma negociação cooperante, uma comunicação frequente e existir um número elevado de visitas, a qualidade das relações mãe-filho e pai-filho é elevada (Camera e Resnick, 1988, 1989; Esposito, 1995; MacKinnon, 1989; *cit* por Fauchier e Margolin, 2004). Mais, O’Leary, Franzonni, Brach e Zirps (1996, *cit* por Fauchier e Margolin, 2004) verificaram que aqueles que se vêm a si próprios como bons pais têm mais probabilidade de verem os ex-cônjuges como bons pais.

Ou seja, um sentimento de bem-estar correlacionado com uma boa relação com o ex-cônjuge aumenta a confiança na sua capacidade de parentalidade e satisfação nos acordos de suporte

à criança. De modo oposto, numa relação onde imperam os conflitos, verifica-se não só um efeito negativo directo nas crianças, mas antes por todo o sistema familiar. Os efeitos invasivos e deteriorativos irradiam de forma perversa, alargando o seu impacto não só às crianças como também aos seus pais de forma indirecta e recíproca.

Estudando os padrões das correlações entre a aliança parental, ajustamento parental, estilos educativos e ajustamento das crianças, verifica-se que a qualidade da relação do casal está associada aos níveis de ajustamento dos adultos. Por exemplo, a depressão da mãe ou do pai está positivamente associada aos elevados níveis de conflitos entre eles. Cooperação, afecto e suporte estão associados a elevados níveis de auto-estima individual. Verifica-se, ainda, que factores positivos como, partilha dos cuidados/tarefas com a criança, cooperação, emoções positivas, harmonia, satisfação com o casamento são associados a uma relação pais-criança harmoniosa, próxima e mais comunicativa, bem como um estilo parental democrático, mais envolvente. Por sua vez, factores negativos, como, elevado nível de conflitos conjugais, agressões verbais e físicas entre os pais, insatisfação conjugal e emoções negativas são associados a relações pais-filho menos harmoniosas e mais rejeitantes, assim como a problemas de gestão com a criança (disciplina inconsistente, afastamento e negligência, estilo parental autoritário, baixas expectativas de auto-controlo). Por fim, problemas na qualidade da relação emocional entre pais e criança e o estilo de gestão parental com a criança estão associados a maus comportamentos e problemas de ajustamento. Uma relação emocional pai-filho positiva e um estilo de disciplina consistente e democrático estão associados a boa auto-estima, boas competências sociais e cognitivas e ajustamento emocional positivo e a baixos níveis de problemas nas crianças quer em famílias casadas quer em divorciadas (Fauchier e Margolin, 2004).

4. Quando a parentalidade se cruza com a conjugalidade

“Uma criança é uma granada. Quando temos um bebé, desencadeamos uma explosão no nosso casamento. Quando o pó assenta o casamento está diferente do que era.”

(Nora Ephron, in Heart-burn)

Quando emergem os subsistemas conjugal e parental é necessário, segundo Alarcão (2002), que haja uma reorganização intra-familiar, inter-familiar e inter-sistémica. Há pois mudanças na árvore genealógica. Onde havia dois níveis passam a existir três. Os pais do casal, para além de pais vêem-se agora também no papel de avós. Também o casal sobe de nível, pois deixaram de ser só filhos, passando a assumir aquilo que outrora só os seus pais gozavam,

o papel de pais. Para além de que, como vimos anteriormente, passam a experienciar cumulativamente o papel de cônjuges e o de pais.

Parece pois claro, que todas estas mudanças impliquem uma grande mobilização de toda a família. Por exemplo, muitas vezes, com o nascimento do primeiro filho, assiste-se a um retorno do casal às famílias de origem. Estas tornam-se um grande suporte físico e emocional, sobretudo no período da gravidez e nos primeiros meses do bebé.

Ou seja, face a uma nova realidade as relações entre os vários elementos reajustam-se. Há um aproximar, que possibilita o desenvolvimento de coesão e intimidade familiar. Contudo, como alerta Keith e Whitaker (1988, *cit* por Monteiro 2005), daqui podem advir desilusões e mágoas profundas que podem levar a fracturas relacionais. Este é pois, um momento envolto em paradoxos. Espera-se que o nascimento do filho traga felicidade ao casal, que aproxime gerações e estabilize o núcleo familiar. Ou seja, o nascimento do primeiro filho vem envolto em mitos de felicidade, de realização de expectativas familiares e individuais (Relvas, 1996).

Não obstante, a literatura tem evidenciado que nem sempre a realidade corresponde a esta idealização. Verifica-se que o nascimento de um filho pode inclusivamente trazer um decréscimo na satisfação conjugal e iniciar fracturas que podem levar ao divórcio (Gottman e Silver, 2002; Keith e Whitaker, 1988, *cit* por Monteiro 2005). Uma das fontes de conflito é o apoio que as famílias de origem dão, nomeadamente, quando há abusos de poder, choque entre modelos educativos, expectativas de apoio não cumpridas e deslocamento de outras problemáticas relacionais (Alarcão, 2002).

Isto aliado à disparidade entre o que se vive e o esperado, acentua os sentimentos de negatividade e com isso a ocorrência de mais acontecimentos negativos, que se formam como uma bola de neve. De acordo com as investigações de Gottman (1994), no momento em que os casais atingem o ponto de separação, uma cascata negativa está em progressão na qual as interacções tornaram-se muito aversivas e as interacções positivas já não equilibram as mudanças negativas. Com isto, os cônjuges desenvolvem a crença de que os problemas maritais são severos e não podem ser trabalhados, acabando por viver vidas solitárias ou paralelas.

Compreenda-se então, que nesta fase o principal desafio para o casal é conseguir articular a conjugalidade com a parentalidade.

Vários estudos têm apontado a transição para a parentalidade como um período crítico para a satisfação conjugal. Por exemplo, pesquisadores como Wilkinson (1995) e Crohan (1996) investigaram as mudanças na qualidade da relação conjugal de casais que passavam pela transição para a parentalidade a partir do nascimento do primeiro filho, comparando-os a casais que não tinham filhos. Ambos verificaram que o declínio da felicidade e da satisfação conjugal é mais acentuada nos casais com filhos do que os sem filhos. O estudo de Wilkinson (1995) permitiu ainda confirmar a sua hipótese de que são as mulheres quem mais sofre o impacto da transição na relação. No mesmo sentido, Gottman e Silver (2002) referem que 67% dos casais (e na sua maioria, mulheres) experienciaram uma queda significativa na satisfação conjugal. Também Kurdek (1998) apurou que um dos factores responsáveis pelo decréscimo na satisfação dos cônjuges nos primeiros anos de casamento era a presença de filhos.

Alguns estudos recentes também têm enfatizado que a transição para a parentalidade causa uma diminuição na satisfação conjugal. Num estudo longitudinal com 114 casais, Rothman (2004) concluiu que a satisfação com a relação conjugal permaneceu estável desde o início do casamento até o fim da gravidez, mas declinou significativamente durante a transição para a parentalidade. Para essa autora, tal declínio foi mencionado tanto pelos homens quanto pelas mulheres dos casais considerados, mas devido a motivos diferentes. Para os homens, o declínio da sua satisfação com o casamento deveu-se à tendência para fazerem atribuições positivas sobre o comportamento das companheiras; para as mulheres, factores como depressão e temperamento do bebé foram referidos como determinantes no declínio da satisfação conjugal. De modo semelhante, Schultz, Cowan e Cowan (2006) realizaram um estudo para examinar a trajectória da satisfação conjugal ao longo da transição para a parentalidade. Eles compararam casais que passavam pela transição para a parentalidade com casais que não tinham filhos. Os dados obtidos indicaram que há um declínio normativo e linear na satisfação conjugal desde a gravidez até os 66 meses do bebé (período abrangido na pesquisa), o que não ocorreu com os casais sem filhos.

No entanto, Lindahl et al. (1997) lança a questão: será que este decréscimo é realmente devido ao nascimento do primeiro filho ou corresponde a uma tendência desenvolvimental mais geral? Estes autores, num estudo longitudinal compararam casais com filhos e casais sem filhos com o mesmo tempo de casamento, uma abordagem diferente dos outros estudos que, ao analisarem a transição para a parentalidade, avaliam os mesmos casais nos momentos anterior e posterior ao nascimento do primeiro filho. Verificaram que os dois grupos de casais não diferiam entre si em termos de satisfação de casamento.

A questão complexifica-se; é importante não só analisar quais as mudanças associadas ao nascimento do primeiro filho que afectam a satisfação conjugal, mas também que factores podem mediar esta relação.

Por exemplo, Braz, Dessen e Silva (2005), procuraram descrever aspectos da conjugalidade e da parentalidade, comparando 14 famílias de classe média e baixa. Verificou que o “ser bom pai/mãe”, é para os indivíduos de classe baixa um pai afectivo; para os de classe média é um pai participativo, que forneça suporte emocional, orientador, disciplinador. Verificou ainda que quanto ao modo como “casais percebem parceiro”, a maioria das mães e dos pais acredita que existe coalizão conjugal entre eles e os seus respectivos parceiros. Sendo que a maioria está satisfeita com os seus relacionamentos conjugais. Contudo, existem mais cônjuges da classe média satisfeitos do que os de classe baixa. Os indivíduos de classe média explicam esta satisfação pelo compromisso, intimidade, complementaridade, trocas afectivas e capacidade de negociação. Já nas de classe baixa, a satisfação deve-se à ausência de conflitos entre os cônjuges. Este estudo permitiu ainda conhecer o que “é considerado positivo e o que incomoda no relacionamento conjugal”. Dos factores que influenciam positivamente, as dimensões de qualidade da própria relação, são o principal factor; contribuindo ainda, factores como negociação e equilíbrio, semelhanças de objectivos, pensamentos e práticas, ausência de conflitos e/ou ciúmes, satisfação nas relações sexuais, características comportamentais e de personalidade positivas do cônjuge. Dos factores que influenciam negativamente, foram referidos os aspectos pessoais do companheiro, aspectos específicos de relacionamento

familiar e social, divisão do trabalho doméstico estabelecido pelo casal, forma de administrar orçamento familiar.

Investigação com famílias casadas revela que o mútuo suporte conjugal, tanto emocional e instrumental, está associado a melhor parentalidade tanto pelas mães como pelos pais (Belsky, 1990; Cowan e Cowan, 1988; Easterbrooks e Emde, 1988; Gable, Belsky, e Crnic, 1992; Howes e Markman, 1989). Casamentos harmoniosos estão associados a parentalidade sensível e relações pai-filho calorosas. Quando as mães desempenham um papel de regulação no envolvimento do pai com a criança, o seu suporte positivo é significativo, afectando tanto o nível como a qualidade do contacto do pai (Belsky, Youngblade, Rovine e Volling, 1991). Refira-se ainda que as características da personalidade parental contribuem tanto para uma boa parentalidade como para uma relação marital bem sucedida (Engfer, 1988).

Concluindo, a família terá de ser capaz de, alternadamente, se fechar em si mesma, para repor forças, e de se abrir a novas oportunidades exteriores, para enfrentar as mudanças imprevisíveis. Será a utilização sábia dessa dinâmica, na vida conjugal e parental, que moldará o seu êxito e validará a sua função redentora nas situações de fracasso (Sousa, 2006).

PROCESSO METODOLÓGICO

Na presente secção é feita a apresentação do estudo empírico. Num primeiro momento, apresentam-se os objectivos e conceptualização deste. Depois, descreve-se o desenho metodológico, mencionando participantes, procedimentos e instrumentos de avaliação necessários para a elaboração do presente estudo.

Objectivos e Conceptualização do estudo

O presente estudo assenta numa análise do comportamento de variáveis da conjugalidade (Satisfação Conjugal) e da parentalidade (Aliança Parental) numa amostra com indivíduos casados e com filhos. Desta forma colocam-se duas questões gerais que guiarão toda a investigação:

- De que forma é que as variáveis Satisfação Conjugal e Aliança Parental se comportam?
- Existirão diferenças de sexo nas variáveis Satisfação Conjugal e Aliança Parental?

De modo a orientar a investigação para responder a estas questões de investigação, foram enunciados os seguintes objectivos:

- 1) Perceber a influência que os filhos podem ter na satisfação conjugal
- 2) Examinar a existência de uma relação entre a satisfação conjugal e a aliança parental numa amostra portuguesa;
- 3) Perceber o modo como as variáveis satisfação conjugal e a aliança parental se comportam ao longo do ciclo de vida;
- 4) Perceber o modo como as variáveis satisfação conjugal e a aliança parental se comportam face aos diferentes níveis socio-económicos numa amostra;
- 5) Verificar a presença de diferenças de sexo na relação existente entre a satisfação conjugal e a aliança parental numa amostra portuguesa.

Concretizando, pretende-se:

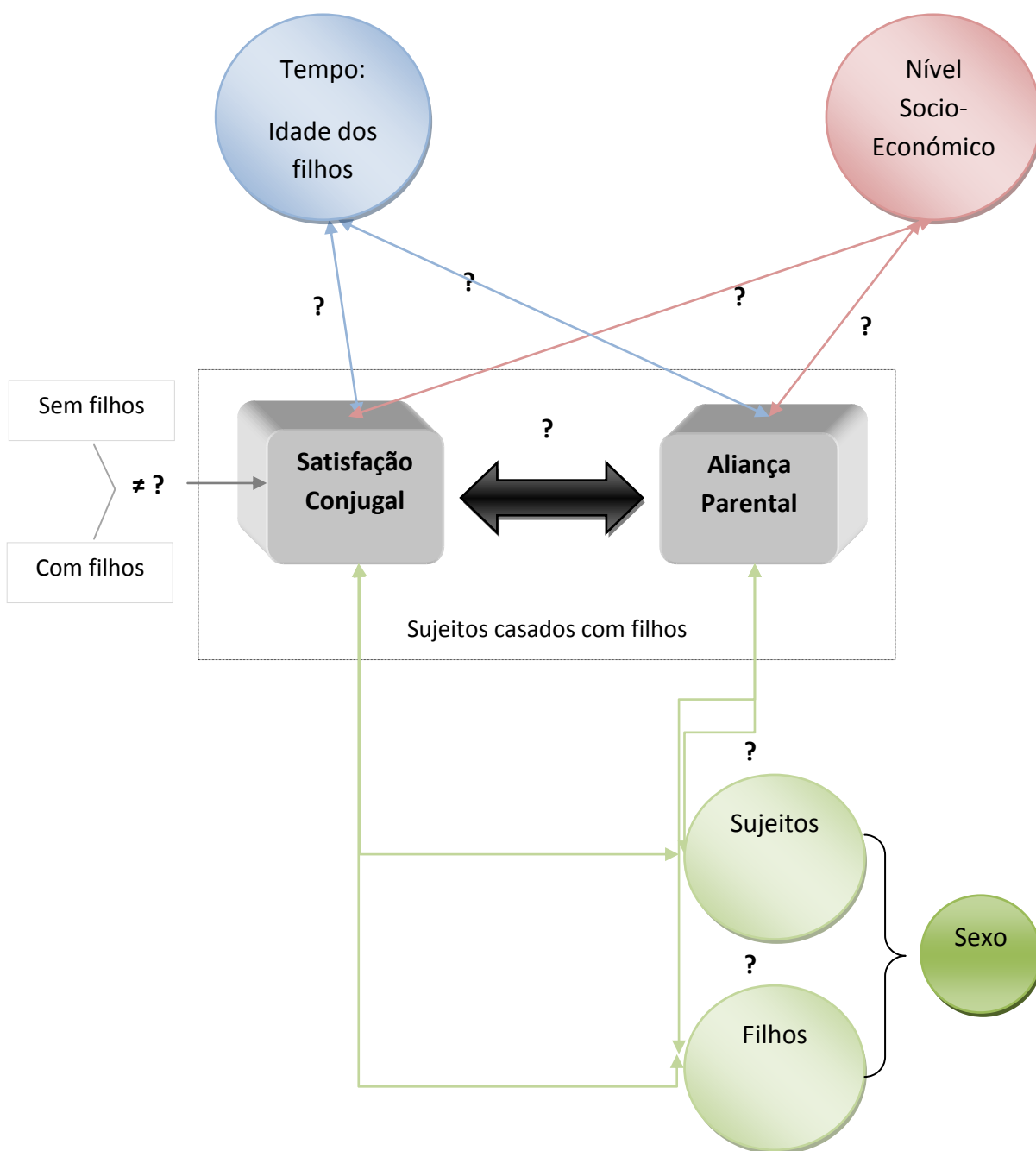
- 1) Verificar se os indivíduos com filhos têm um nível de satisfação conjugal diferente dos indivíduos sem filhos:

- a. *Ter filhos tem influência na satisfação conjugal?*
- 2) Verificar se existe uma relação entre a satisfação conjugal e a aliança parental:
 - a. *Existe uma relação entre a satisfação conjugal e a aliança parental?*
- 3) Investigar como se comportam as variáveis satisfação conjugal e aliança parental consoante a idade dos filhos:
 - a. *A idade dos filhos tem influência nos níveis de satisfação conjugal?*
 - b. *A idade dos filhos tem influência na aliança parental?*
- 4) Investigar como se comportam as variáveis satisfação conjugal e aliança parental consoante o nível socio-económico:
 - a. *O nível socio-económico pode ter impacto na satisfação conjugal?*
 - b. *O nível socio-económico pode ter impacto na aliança parental?*
- 5) Verificar se a satisfação conjugal e a aliança parental variam consoante o sexo dos sujeitos da amostra e do sexo dos filhos sobre os quais os sujeitos responderam:
 - a. *Ser homem ou mulher influencia os resultados da satisfação conjugal?*
 - b. *Ser homem ou mulher influencia os resultados da aliança parental?*
 - c. *Ter um filho do sexo masculino ou do sexo feminino influencia satisfação conjugal?*
 - d. *Ter um filho do sexo masculino ou do sexo feminino influencia a aliança parental?*

A presente investigação corresponde a um desenho transversal, característico de um estudo *não-experimental*, visto não ter existido a manipulação de variáveis independentes. Quanto ao número de variáveis, pode considerar-se um estudo multifactorial, visto existirem mais do que uma variável independente.

Mapa Conceptual

Seguidamente apresenta-se o mapa conceptual que permite uma facilitação da compreensão do quadro teórico em estudo. Neste são incluídas as variáveis em estudo bem como as hipotéticas relações entre elas, sobre as quais este estudo incide.



Seleccção da Amostra

1.1. Seleccção dos participantes

Este estudo insere-se num projecto de investigação de grande amplitude no âmbito do mestrado integrado em Psicologia Clínica Sistemática. Assim, os dados recolhidos por cada aluno foram partilhados por todos, o que permitiu reunir um vasto e rico conjunto de dados (sendo que deste conjunto de dados, cada aluno extraiu um subconjunto para o estudo que definiu).

Assim, independentemente de cada projecto individual, cada aluno apresentou a vinte e quatro sujeitos, um questionário geral (permitir a recolha de dados demográficos) e um conjunto de sete instrumentos de avaliação¹. Sendo que estes foram apresentados segundo o seguinte critério: 4 casais com filhos (8 participantes); 4 mulheres com filhos; 4 mulheres sem filhos; 4 homens com filhos; e 4 homens sem filhos – perfazendo assim os 24 participantes, por aluno. Note-se ainda que “com filhos” significa ter filhos com idade superior a dois anos e inferior a dezoito.

Posto isto, reuniu-se assim um total de 652 participantes para a amostra global, que se encontra caracterizada em anexo (ver anexo 1).

1.2. Composição da amostra em estudo

Uma vez que neste processo não existiu aleatoriedade, os participantes foram seleccionados considerando os critérios anteriormente descritos, a amostra é considerada uma amostra *não-probabilística, intencional ou de conveniência*.

Como o presente estudo procura responder a questões relativas à conjugalidade e à parentalidade, da amostra global acima referida formou-se uma amostra em que todos os sujeitos participantes apresentam o estado civil de casados, vivem sob a forma de casamento (e não união de facto) e têm filhos. Assim, o número de participantes resultante para a amostra em estudo é de 423.

Caracterizando então a amostra em estudo, como o Quadro 1 indica, esta ficou constituída de modo equilibrado quanto ao sexo dos participantes; preponderância no nível de escolaridade elevado, nomeadamente Ensino Superior; origem étnica maioritariamente Caucasiana (97,4%); intervalos de idade 30-39 e 40-49 anos predominantes (M=42,17; DP=7,181); nível sócio-

¹ A & QRI-S; Moreira, 1998 (questionário relativo à família de origem); Family Environment Scale – FES; Moss e Moss, 1986, adaptação portuguesa: Matos e Fontaine, 1992 (questionário relativo ao ambiente familiar); EASAVIC; Narciso e Costa, 1996 (questionário que avalia a satisfação conjugal); Escala de Inclusão do Outro no *self* – IOS; Aron, Aron e Smollan, 1992 (questionário relativo à interdependência conjugal); FACES II; Olson, Portner e Bell, 1982 (Escala que avalia a coesão e adaptabilidade da família); Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – QDEP; Robinson, Mandleco, Olsen e Hart, 2001, versão portuguesa: Pedro, Carapito e Ribeiro, 2007; e IAP; Abidin, 1995; versão portuguesa Pedro e Ribeiro, 2007 (inventário relativo à aliança parental).

económico² com distribuição preferencial pelos níveis Médio e Alto, com ligeiro predomínio no nível Médio-alto e Alto; e distribuição residencial pelas várias zonas geográficas do país, mas com claro relevo para Grande Lisboa (57,2%).

Quadro 1 – Estatística descritiva das características gerais da amostra

Características gerais da amostra		
	n	%
Sexo		
Masculino	206	48,7
Feminino	217	51,3
Escolaridade		
0-4 Anos escolaridade	17	4,0
5-6 Anos escolaridade	16	3,8
7-9 Anos escolaridade	53	12,5
9-12 Anos escolaridade	96	22,7
Frequência Universitária	32	7,6
Ensino Superior	208	49,2
Origem Étnica		
Caucasiana	412	97,4
Africana	2	,5
Caucasina-africana	3	,7
Outra	3	,7
Idade		
20-29 Anos	14	3,3
30-39 Anos	137	32,4
40-49 Anos	208	49,2
50-59 Anos	59	13,9
60-69 Anos	5	1,2
Nível Sócio-Económico		
Baixo	57	13,5
Médio	157	37,1
Médio-alto e Alto	209	49,4
Zona de Residência		
Norte	22	5,2
Centro	97	22,9
Grande Lisboa	242	57,2
Alentejo	14	3,3
Algarve	19	4,5

² Os critérios utilizados para aferição do nível socio-económico da amostra têm por base uma adaptação da classificação de Simões (1994), que cruza dados relativos às profissões e à escolaridade.

Arq. Madeira	11	2,6
Arq. Açores	17	4,0
Outra	1	,2

Relativamente à situação relacional destes 423 sujeitos participantes (Quadro 2), pode caracterizar-se pois, como todos casados e com situação relacional de casamento, onde predominam casamentos com 14-19 anos e mais de 20 anos.

Quadro 2 – Estatística descritiva das características da situação relacional da amostra

Conjugalidade		
	n	%
Estado Civil		
Casado	423	100,0
Divorciado	0	0,0
Solteiro	0	0,0
Situação Relacional		
Casamento	423	100,0
União de Facto	0	0,0
Tempo de Casamento		
0-4 Anos	22	5,2
5-9 Anos	70	16,5
10-14 Anos	77	18,2
15-19 Anos	128	30,3
≥ 20 Anos	126	29,8

Quanto à situação parental dos participantes que compõem a amostra, como se pode verificar no Quadro 3, os 423 sujeitos têm filhos, na sua maioria (81,6%) biológicos. Depois quanto ao número de filhos, a maior parte tem 1 ou 2 filhos, cujas idades são sobretudo mistas (47,5%).

Quadro 3 – Estatística descritiva das características da situação parental da amostra

Parentalidade		
	n	%
Filhos		
Sem filhos	0	0,0
Com filhos	423	100,0
Gravidez		
Não	416	98,3
Sim	7	1,7
Tipo de Filhos		
Biológicos	343	81,6

Adoptivos	47	11,1
Enteados	1	,2
Mistos	32	7,6
Idades		
Só pré-escolar	75	17,7
Só escolares	41	9,7
Só adolescentes (10-17)	78	18,4
Só jovens adultos/adultos	28	6,6
Mistos	201	47,5
Número total de filhos		
0	0	0,0
1	163	38,5
2	209	49,4
3	43	10,3
4	5	1,2
5	3	,7
Tipo de família		
Nuclear	398	94,1
Nuclear + Alargada	25	5,9
Monoparental	0	0,0

Instrumentos de Avaliação

Relativamente aos instrumentos de avaliação, como já foi referido, aplicaram-se sete instrumentos para além do questionário de recolha de dados demográficos.

Seguidamente far-se-á a apresentação somente dos instrumentos relevantes para o presente estudo.

1.1. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC; Narciso e Costa, 1996)

A EASAVIC (ver anexo 2) tem por objectivo a avaliação da satisfação conjugal em áreas da vida conjugal. Este instrumento de auto-avaliação é composto por 44 itens, organizados em 10 áreas da vida conjugal – 5 relativas à *dimensão funcionamento conjugal* e 5 relativas à *dimensão amor* – seleccionadas e organizadas a partir de revisão de literatura. Aquando da sua criação, a escala apresentou, pois, uma estrutura bifactorial, em que o factor 1 agrupa os itens referentes à dimensão amor e o factor 2 agrupa os itens relativos à dimensão funcionamento. Estes factores apresentaram coeficientes alpha bastante elevados (factor 1, $\alpha=0,97$; factor 2, $\alpha=0,90$), o que indicia uma elevada consistência interna.

Na *dimensão funcionamento conjugal* incluem-se as áreas de “Funções Familiares” (FF), “Tempos Livres” (TL), “Autonomia” (AUT), “Relações Extra-Familiares” (REF) e “Comunicação e Conflitos” (CC). Por seu turno, na *dimensão amor* são incluídas as áreas de “Sentimentos e Expressão de Sentimentos” (SES), “Sexualidade” (SEX), “Intimidade Emocional” (IE), “Continuidade” (C) e “Características Físicas e Psicológicas” (CFP).

Tendo por base o conceito de satisfação conjugal como algo resultante de uma avaliação pessoal e subjectiva de cada cônjuge relativamente ao casamento (Thompson, 1988 cit. por Narciso e Costa, 1996), a escala traduz-se numa escala de Likert de 6 pontos, em que o indivíduo situa a sua satisfação, em cada um dos itens, entre “Nada Satisfeito” (1) a “Completamente Satisfeito” (6).

De referir que a utilização desta escala é vantajosa pois, ao conceber a satisfação como dinâmica, permite discriminar áreas de força ou de fragilidade - dados preciosos na prática clínica. Contudo, esta escala também apresenta pontos fracos, nomeadamente não se considerar o contributo da satisfação em cada área para a satisfação conjugal global, o que confere alguma relatividade ao resultado global da escala. Depois, o facto de não apresentar uma área relativa aos Filhos, constitui-se como um limite aquando a utilização desta escala em indivíduos com filhos, como no presente estudo. Por fim, dada a sua natureza quantitativa, a informação recolhida é limitada, visto não permitir aceder à compreensão dos processos e significações inerentes à satisfação (Narciso, 2001).

Presentemente decorre na Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Lisboa uma investigação sobre Conjugalidade e Parentalidade, no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia no núcleo de Psicologia Clínica Sistémica. Nesta, dado já terem passados 15 anos deste os estudos psicométricos iniciais, as autoras³ optaram por realizar um novo estudo psicométrico da EASAVIC. Daqui obteve-se novamente uma elevada consistência interna, com um alpha de Cronbach de 0,971; contudo, ao invés da anterior estrutura bifactorial, agora apresenta uma estrutura unifactorial.

1.2. Inventário de Aliança Parental (IAP; Abidin, 1988)

O IAP (ver anexo 3) é um instrumento de auto-relato, sendo composto por 20 itens que medem a aliança parental. Oferece uma medição directa de um componente chave - o envolvimento e a comunicação partilhada relativa ao cuidar da criança.

A primeira versão do IAP, criada por Abidin em 1988, consistia num conjunto de 80 itens escritos por terapeutas e psicólogos, recorrendo a quatro dimensões de uma boa aliança parental como linhas orientadoras. Os itens foram avaliados por um painel de cinco terapeutas familiares e cinco psicólogos clínicos, que primeiramente categorizaram cada item consoante as quatro dimensões da aliança parental, depois, numa escala de Likert de 5 pontos, de 1 (não mede a dimensão) a 5 (mede fortemente a dimensão). Assim reduziram para 30 itens, sobre os

³ Narciso, Ribeiro e Ferreira (2008) – dado que a investigação ainda se encontra em curso, não existe qualquer publicação sobre esta.

quais os sujeitos respondiam numa escala de Likert de 5 pontos em que 1 (concordam fortemente) e 5 (discordam fortemente). Através de análise factorial a escala foi reduzida para 20 itens, apresentando uma elevada consistência interna ($\alpha=0,97$).

O instrumento utilizado é pois uma versão portuguesa, desta última adaptação de Abidin e Brunner, em 1995. Ou seja, é um instrumento composto por 20 itens de auto-registo, em que cada indivíduo responde a uma escala de Likert de 5 pontos, que varia entre “Discordo Muito” (1) e “Concordo Muito” (5), situando a sua opinião relativamente ao seu próprio envolvimento e ao do cônjuge no acompanhamento e educação dos filhos. Esta versão também foi alvo de um estudo psicométrico por Narciso, Ribeiro e Ferreira (2008), tendo obtido uma elevada consistência interna, sendo que tomou o valor de α de Cronbach de 0,904 para a versão “mães” e um $\alpha=0,935$ para a versão “pai”. Refira-se ainda que o item 1 deste inventário foi retirado, pois não contribuía positivamente para esta consistência.

A aliança parental é uma variável central na compreensão dos determinantes do comportamento parental. Este conceito sugere que apesar da aliança parental poder estar relacionada com variáveis como a personalidade dos pais e a satisfação conjugal, tem uma contribuição única no comportamento parental, e consequentemente, no ajustamento das crianças.

Dado os elevados números de divórcios nas sociedades actuais, poder medir a aliança parental é muito útil, porque é possível relacionar o sucesso enquanto pais com o sucesso enquanto casal. Posto isto, a escolha deste instrumento para o estudo da relação existente entre a conjugalidade e a parentalidade, parece, pois, de todo pertinente.

Procedimentos

Após a recolha dos dados, e tendo em consideração os objectivos traçados para o estudo, procedeu-se ao seu tratamento estatístico, cujos resultados serão apresentados na secção Resultados.

1.1. Pré-tratamento de dados

Contudo, antes deste tratamento de dados os instrumentos foram adaptados à população portuguesa em estudo, de modo a adaptar a base de dados. Assim, verificou-se a consistência interna e a validade das escalas em questão. A técnica de maior relevância científica nesta aferição é o *alpha de Cronbach*. Para a escala EASAVIC, verificou-se que esta apresentava um valor de *alpha de Cronbach* de 0,971 o que revela elevada consistência interna. Do mesmo modo, o IAP respeitante às mães, tomou valor de 0,904 e para os pais 0,935. Refira-se novamente que o item 1 deste inventário foi retirado.

Depois, relativamente às variáveis demográficas houve em alguns casos necessidade de uma reclassificação, pois os resultados foram agrupados de modo a facilitar a sua interpretação e diminuir a dispersão destes. Como foi o caso das variáveis origem étnica, idade dos

participantes, profissão ou ano escolar se estudante, tempo de casamento, elementos do núcleo familiar e religião.

1.2. Verificação do pressuposto de normalidade

Visto este estudo trabalhar sobretudo com as variáveis *EASAVIC Escala Global* e *IAP Escala Global*, verificou-se se estas asseguravam os pressupostos de normalidade. Assim recorreu-se ao teste estatístico não-paramétrico de Kolmogorov-Smirnov (K-S). A rejeição da normalidade da distribuição da variável é habitualmente aceite quando o valor de prova dos testes é inferior a 1% (0,01).

Assim, verificou-se que:

- EASAVIC K-S = 0,023 > 0,01 logo não se rejeita a hipótese nula. Ou seja a distribuição da variável *EASAVIC Escala Global* **é normal**.

- IAP K-S = 0,001 < 0,01 logo rejeita-se a hipótese nula. Ou seja, a distribuição da variável *IAP Escala Global* **não é normal**.

1.3. Tratamento de dados

Numa primeira fase, foi realizada uma análise descritiva com o objectivo de caracterizar a amostra relativamente às variáveis sócio-demográficas e às variáveis relacionadas com a situação relacional e com a situação parental. Assim, exploram-se as variáveis através da análise de frequências e de percentagens. Sendo que estes dados já foram apresentados na secção *Composição da amostra em estudo*.

Numa segunda fase, tendo como objectivo o estudo das relações entre as variáveis em estudo e o estudo das diferenças entre grupos, utilizaram-se testes-*t* e testes Wilcoxon-Mann-Whitney, Coeficiente de Correlação ordinal de *Spearman*, análises da variância Univariada e Multivariada. Sendo que estes dados serão apresentados na secção *Resultados*.

RESULTADOS

Na presente secção tratar-se-ão os dados obtidos através de análise estatística efectuada com o programa *SPSS for Windows* (versão 15.0).

Os resultados encontram-se organizados de modo a responder aos objectivos propostos.

1. Ter filhos tem influência na conjugalidade?

1a) Ter filhos tem influência na satisfação conjugal?

Para responder a esta primeira questão recorreu-se à amostra global com todos os indivíduos (N=628), de forma a poder comparar-se se ter filhos tem influência nos resultados da satisfação conjugal.

Assim, primeiramente, transformaram-se os resultados dos itens da escala EASAVIC numa única variável, denominada *EASAVIC Escala Global*. Fazendo uma análise desta variável, verifica-se que a pontuação máxima é de 264 e a mínima de 82 (M=208,11; DP=31,104).

Depois, partindo do pressuposto que os resultados da *EASAVIC Escala Global* podem ser distribuídos por duas amostras independentes, amostra “ter filhos” (N=185) e amostra “não ter filhos” (N=443), pôde comparar-se através de teste-t se as diferenças são significativas.

Quadro 4: Verificação dos pressupostos de utilização do teste-t

Teste de normalidade

Filhos		Kolmogorov-Smirnov		
		Estatística	df	Valor-p
EASAVI Escala Global	sem filhos	,073	185	,019
	com filhos	,047	443	,022

Teste de homogeneidade de Variância

		Estatística Levene	df1	df2	Valor-p
EASAVI Escala Global	Baseado na média	14,025	1	626	,000

Visto não se assegurarem os pressupostos do teste-t, nomeadamente a normalidade das amostras na variável *EASAVIC Escala Global* nas populações com e sem filhos; então, partiu-se para a alternativa não-paramétrica, o teste de Wilcoxon-Mann-Whitney (ver anexo 4).

Quadro 5: Comparação da distribuição da variável EASAVIC Escala Global pelas populações “Sem filhos” e “com filhos”

Ordens

Filhos		N	Média das Ordens
EASAVI Escala Global	sem filhos	185	365,67
	com filhos	443	293,13
	Total	628	

Estatística do teste (a)	
	EASAVI Escala Global
Mann-Whitney U	31511,000
Wilcoxon W	129857,000
Z	-4,568
Valor-p (bilateral)	,000

(a) Variável de Grupo: Filhos

Como a média das ordens “sem filhos” (365,67) é maior que a média das ordens “com filhos” (293,13), podemos pensar num teste unilateral direito, considerando como valor-p $0,000/2=0,000$ (valor-p< 0,05). Logo poderemos dizer que os valores da *EASAVIC Escala Global* são significativamente superiores na população sem filhos.

Uma vez que se verifica esta diferença, fez todo o sentido tentar responder à questão que seguidamente se apresenta.

2. Existe uma relação entre a conjugalidade e a parentalidade?

2a) Existe uma relação entre satisfação conjugal e a aliança parental?

De modo a correlacionar estas duas variáveis, formou-se uma nova amostra constituída somente por indivíduos casados com filhos, a amostra em estudo. Para tal, recorreu-se a filtros, seleccionando-se os dados dos sujeitos cujo estado civil era de “casado” e situação relacional “casamento”, excluindo os divorciados e os solteiros com filhos que viviam em união de facto. Esta foi a forma de assegurar que quando relacionávamos satisfação conjugal e aliança parental estávamos a falar de indivíduos que coabitavam com os filhos e com o cônjuge, isto é que o sistema conjugal e o sistema parental era o mesmo.

Partindo, então, desta amostra, fez-se uma nova análise à variável *EASAVIC Escala Global* (agora com 409 sujeitos e com $M=204,22$; $DP=32,486$) e, do mesmo modo, analisou-se a variável *IAP Escala Global*. Esta última, resulta da transformação dos resultados obtidos em cada item da escala IAP, numa única variável, onde $N=374$; $M=81,34$; $DP=8,859$.

Quadro 6: Estatística descritiva das variáveis *EASAVIC Escala Global* e *IAP Escala Global*

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
EASAVI Escala Global	409	82	264	204,22	32,486
IAP Escala Global	374	39	95	81,34	8,859

Posto isto, partiu-se então para uma análise da correlação entre a variável *EASAVIC Escala Global* e a variável *IAP Escala Global*. Uma vez que a variável *IAP Escala Global* não segue uma

distribuição normal, recorreu-se a uma correlação não-paramétrica através do Coeficiente de Correlação Ordinal de *Spearman* (ver anexo 5).

Quadro 7: Correlação das variáveis EASAVIC Escala Global e IAP Escala Global

			EASAVI Escala Global	IAP Escala Global
Rho de Spearman	EASAVI Escala Global	Coeficiente de Correlação	1,000	,582*
		Valor-p (bilateral)	.	,000
		N	409	365
	IAP Escala Global	Coeficiente de Correlação	,582*	1,000
		Valor-p (bilateral)	,000	.
		N	365	374

* Correlação é significativa a 0,01

Verificou-se, pois, que existe uma correlação entre estas duas variáveis ($r = ,582$), relação essa que é estatisticamente significativa ($p=0,000 < 0,01$). Ou seja, estas variáveis estão linearmente relacionadas, sendo que quando os valores médios da Escala EASAVIC aumentam, os da IAP também aumentam.

Assim sendo, atingiu-se o primeiro objectivo do estudo - Examinar a existência de uma relação entre a satisfação conjugal e a aliança parental na amostra. Seguidamente, apresentam-se os resultados da influência do factor temporal.

3.0 tempo tem influência na conjugalidade e na parentalidade?

Para tentar averiguar se o factor tempo tem influência quer na conjugalidade, quer na parentalidade, testou-se o efeito nas variáveis dependentes *EASAVIC Escala Global* e *IAP Escala Global*, das variáveis *Tempo de Casamento*, *Número de Filhos* e *Idade do Filho IAP*, factores que à partida pressupõem a noção de tempo. Para tal recorreu-se a uma *Análise da Variância Multivariada* (ver anexo 6) – onde se estuda a influência de uma ou mais variáveis independentes sobre mais de uma variável dependente.

Verificando os pressupostos de utilização de uma MANOVA, pode admitir-se a normalidade com o teste de kolmogorov-smirnov e a homogeneidade das covariâncias com o teste *M* de Box (valor- $P=0,057 > 0,05$). Contudo, os dados ficaram desequilibrados neste *design* experimental (grande desequilíbrio no número de indivíduos por célula); verifica-se pois que a potência do teste é, na sua maioria muita baixa. A excepção recai na interacção *Tempo de Casamento x Idade dos Filhos IAP* (como se pode ver em anexo) onde a Maior Raiz de Roy (valor- $p=0,048 < 0,05$) apresenta uma potência elevada (0,834), revelando ser uma influência significativa sobre as variáveis dependentes. Partindo da análise do *output* que representa o teste do efeito entre variáveis, verifica-se que esta interacção *Tempo de Casamento x Idade do Filho IAP* apresenta uma potência de teste elevada (0,820) sobre a variável *EASAVIC Escala Global*, sendo significativa a sua influência (valor- $p=0,035 < 0,05$); enquanto que sobre a

variável *IAP Escala Global* apresenta uma potência de teste moderada (0,625), não sendo significativa a sua influência (valor- $p=0,174 >0,05$).

Desta forma, preferiu-se partir para uma nova análise, escolhendo uma só variável representativa do factor tempo. Dados os resultados anteriores optou-se por verificar de que modo a idade dos filhos (IAP) influencia quer a satisfação conjugal, quer a aliança parental.

3a) A idade dos filhos tem influência nos níveis de satisfação conjugal?

Fazendo primeiramente uma análise descritiva da distribuição das 4 amostras (“pré-escolar”, “escolar”, “adolescência” e “adolescência intermédia”) sobre a variável *EASAVIC Escala Global*, podemos constatar que a variável *EASAVIC Escala Global* toma valores mais elevados quando a idade do filho IAP se situa na idade “pré-escolar” (menores de 6 anos) e na idade “adolescentes” (com idades compreendidas entre 11 e 14 anos), como o gráfico seguinte demonstra.

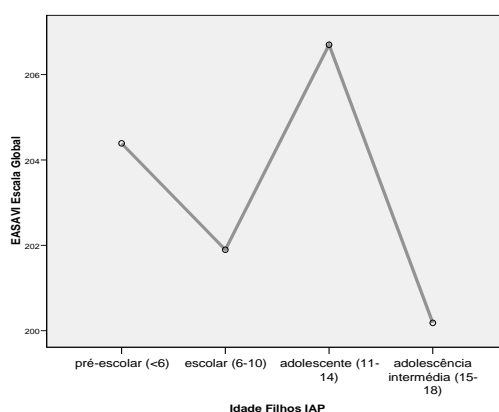


Ilustração 1: Representação gráfica da distribuição da variável *Idade dos Filhos IAP* sob a variável *EASAVIC Escala Global*

Assim, de modo a compreendermos se a idade dos filhos tem influência na satisfação conjugal, recorreu-se à análise da influência da variável *Idade dos Filhos IAP* - variável respeitante à idade do filho sobre o qual os sujeitos responderam no Inventário de Aliança Parental (IAP) – sobre a variável *EASAVIC Escala Global*.

Começou-se por verificar a possibilidade de recorrer a uma ANOVA (ver anexo 7).

Assegurada a normalidade da variável dependente sobre as 4 populações (“pré-escolar” valor- $p=0,200 >0,05$; “escolar” valor- $p=0,059 >0,05$; “adolescência” valor- $p=0,170 >0,05$; e “adolescência intermédia” valor- $p=0,200 >0,05$) e a homogeneidade das variâncias populacionais (Teste de Levene; valor- $p=0,664 >0,05$), passou-se à análise do *output* referente à ANOVA, assim constatou-se que existiam pelo menos 3 grupos que influenciavam a variável dependente, mas não de modo significativo (valor- $p=0,537 >0,05$). Ou seja, não se pode concluir que a idade dos filhos influencie a satisfação conjugal.

3b) A idade dos filhos tem influência na força da aliança parental?

Começou-se por fazer uma análise descritiva da distribuição da variável *Idade dos Filhos IAP* sobre a variável *IAP Escala Global*. Daqui, verificou-se que os valores médios da variável *IAP Escala Global* tomam valores mais elevados para *Idade dos Filhos IAP* “escolar” (idades situadas no intervalo 6 a 10 anos). Nas idades subsequentes a variável *IAP Escala Global* diminui os seus valores médios, como se pode constatar no gráfico seguinte.

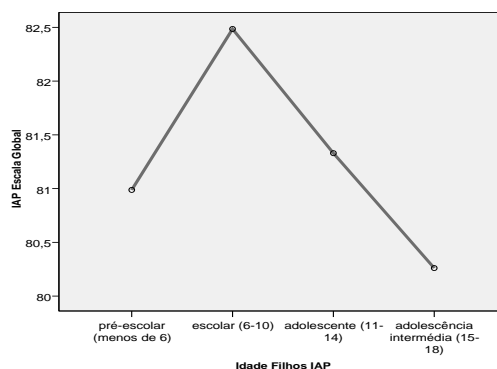


Ilustração 2: Representação gráfica da distribuição da variável *Idade dos Filhos IAP* sob a variável *IAP Escala Global*

Para aferirmos a questão “A idade dos filhos tem influência na força da aliança parental?”, o procedimento foi semelhante referido na questão anterior, recorrendo no entanto à variável *IAP Escala Global* e à alternativa não-paramétrica da ANOVA, o teste de Kruskal-Wallis (ver anexo 8).

Sendo valor- $p=0,588 > 0,05$, não se pode concluir que exista pelo menos uma idade que conduza a um grau de força parental diferente. Ou seja, não se verifica a influência da idade dos filhos (IAP) sobre a aliança parental.

4. O Nível Socio-económico pode influenciar a conjugalidade e a parentalidade?

Para se averiguar se o nível socio-económico tem um efeito significativo sobre a variável *EASAVIC Escala Global* e sobre a variável *IAP Escala Global*, procedeu-se à *Análise da Variância Univariada* para cada uma delas.

4a) O Nível Socio-económico pode influenciar a satisfação conjugal?

Assegurados os pressupostos da ANOVA, isto é, normalidade da variável dependente *EASAVIC Escala Global* nas 3 amostras (“NSE baixo” valor- $p=0,200 > 0,05$; “NSE médio” valor- $p=0,200 > 0,05$; e “NSE médio-alto e alto” valor- $p=0,054 > 0,05$) e as variâncias populacionais homogéneas (Teste Levene valor- $p=0,691 > 0,05$), calculam-se se as 3 médias populacionais são ou não diferentes, recorrendo então à ANOVA (ver anexo 9).

Assim, verificou-se que existem dois níveis socio-económico em que a satisfação conjugal é significativamente diferente ($p=0,046 < 0,05$). Na tentativa de procurar quais os dois níveis

significativamente diferentes procedeu-se à Comparação Múltipla *a posteriori* de Tukey (ver anexo 9).

Como se pode verificar no quadro abaixo, apenas as médias referentes aos níveis socio-económico “médio” e “médio-alto e alto” são significativamente diferentes (valor-p=0,035) para uma probabilidade de erro de 5%.

Quadro 8: Comparação da diferença das médias dos vários NSE pela EASAVIC Escala Global

NSE (I)	NSE (J)	Diferença das médias (I-J)	Desvio padrão	Valor-p
Baixo	Médio	5,943	5,156	,482
	Médio-alto e alto	-2,665	4,983	,854
Médio	Baixo	-5,943	5,156	,482
	Médio-alto e alto	-8,608(*)	3,463	,035
Médio-alto e alto	Baixo	2,665	4,983	,854
	Médio	8,608(*)	3,463	,035

*Diferença das médias significativa a 0,05

Ou seja, desta análise poder-se-á dizer que a satisfação conjugal é influenciada significativamente pelos níveis socio-económico “médio” e “médio-alto e alto”.

4b) O Nível Socio-económico pode influenciar a aliança parental?

Visto que a variável dependente *IAP Escala Global* não segue a normalidade procedeu-se a um teste de Kruskal-Wallis (ver anexo 10), isto é, a alternativa não-paramétrica à ANOVA. Este teste permite pois verificar se a distribuição dos valores da variável *IAP Escala Global* são ou não idênticas nas 3 populações referentes ao Nível Socio-económico.

Assim, procedendo à execução deste teste, verificaram-se que as médias das ordens são diferentes para cada grupo, sendo que tomam valores mais elevados para os NSE mais elevados. Visto que toma um valor-p=0,004 < 0,10, podemos assim concluir que existe pelo menos um nível socio-económico que influencia a aliança parental.

De modo a conhecermos qual ou quais os níveis socio-económicos que têm esta influência significativa sobre a variável *IAP Escala Global*, recorreu-se à comparação múltipla das médias das ordens como descrito em Maroco (2007).

Como se pode ver no quadro abaixo, os três níveis socio-económicos influenciaram significativamente a aliança parental (p<0,001).

Quadro 9: Comparação da diferença das médias dos vários NSE pela IAP Escala Global

NSE (I)	NSE (J)	Diferença das médias (I-J)	Desvio padrão	Valor-p
Baixo	Médio	-46,000000(*)	7,509819	,000
	Médio-alto e alto	-67,500000(*)	7,279999	,000
Médio	Baixo	46,000000(*)	7,509819	,000
	Médio-alto e alto	-21,500000(*)	5,068547	,000

	Baixo	67,500000(*)	7,279999	,000
Médio-alto e alto	Médio	21,500000(*)	5,068547	,000

*Diferença das médias significativa a 0,05

5. O Sexo pode influenciar a conjugalidade e a parentalidade?

Para responder a esta questão, à última questão do estudo, conduziu-se uma análise estatística para averiguar se o sexo dos sujeitos participantes e o sexo dos filhos (relativos ao questionário IAP) pode influenciar a satisfação conjugal e a aliança parental.

5a) Ser homem ou mulher influencia os resultados da satisfação conjugal?

Com vista a verificar se há diferenças de sexo nos resultados da satisfação conjugal, recorreu-se a um teste *t*-Student (ver anexo 11) para averiguar se as médias das duas populações “masculino” e “feminino” são significativamente diferentes para a variável *EASAVIC Escala Global*. Para tal duas condições têm de se assegurar: a normalidade da distribuição da variável dependente (*EASAVIC Escala Global*) e a homogeneidade das variâncias (nos dois grupos – Masculino e Feminino). Verificou-se, pois, que a distribuição da variável nas duas amostras é normal (“Masculino” $p=0,200$; “Feminino” $p=0,200$; $p>0,05$). Recorrendo ao teste de Levene, podemos ainda assegurar que as variâncias populacionais estimadas a partir das duas amostras são homogêneas visto que *p-value* baseado nas médias é igual a $0,657 > \alpha=0,05$.

Posto isto, procedeu-se ao teste-*t* com o qual não se verificaram diferenças descritivas relevantes para o sexo dos sujeitos em relação à variável *EASAVIC Escala Global*. Estatisticamente, verifica-se um *p-value* de $0,973/2$, confirmando-se que as diferenças não são significativas ($\alpha=0,05$). Ou seja, os valores médios das populações “Masculino” e “Feminino” não são significativamente diferentes para a variável *EASAVIC Escala Global*.

5b) Ser homem ou mulher influencia os resultados da aliança parental?

De modo a verificar se o sexo dos participantes faz variar os resultados da aliança parental, recorreu-se ao teste não-paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney para $\alpha=0,05$ (ver anexo 12). Sendo que este teste é adequado para comparar as funções de distribuição de uma variável (*IAP Escala Global*) em duas amostras independentes (“Masculino” e “Feminino”).

Assim, verificando-se a influência da variável *Sexo* sobre a variável *IAP Escala Global*, obtiveram-se resultados médios de aliança parental mais elevados para os sujeitos do sexo masculino do que para os sujeitos do sexo feminino.

Como a média das ordens “masculino” (196,51) é maior que a média das ordens “feminino” (177,99), podemos pensar num teste unilateral direito, considerando como valor- p $0,097/2=0,0485$ (valor- $p < 0,05$). Logo poderemos dizer os valores da *IAP Escala Global* são significativamente superiores na população “masculino”.

Quadro 10: Comparação da distribuição da variável IAP Escala Global pelas populações “Masculino” e “Feminino”

	Sexo	N	Ordem das médias
IAP Escala Global	Masculino	192	196,51
	Feminino	182	177,99
	Total	374	

Variável de Grupo: Sexo	IAP Escala Global
Mann-Whitney U	15741,500
Wilcoxon W	32394,500
Z	-1,657
Valor-p (bilateral)	,097

Após esta análise da influência do Sexo nos sujeitos participantes sobre as variáveis dependentes, importa agora investigar se o Sexo dos filhos, nomeadamente sobre os quais foi respondido o IAP, tem algum impacto na satisfação conjugal e na aliança parental.

5c) Ter um filho do sexo masculino ou do sexo feminino influencia a satisfação conjugal?

Para responder a esta questão tratou-se de verificar de que modo a variável *Sexo dos Filhos IAP* se relaciona com a variável *EASAVIC Escala Global*.

Assim, começou-se por verificar a possibilidade de recorrer ao teste *t*-student, isto é, se tinha asseguradas as duas condições (normalidade da distribuição da variável dependente e homogeneidade das variâncias). O teste K-S revelou que a variável *EASAVIC Escala Global* segue uma distribuição normal nas populações “feminino” ($p=0,200 > 0,05$), mas não para a população “masculino” ($p=0,003 < 0,05$). Quanto à homogeneidade das variâncias, o teste Levene indicou que não podemos assegurar que as variâncias populacionais estimadas a partir das duas amostras sejam homogêneas visto que *p-value* baseado nas médias é igual a $0,012 < \alpha=0,05$. Desta forma, recorreu-se então à alternativa não-paramétrica – teste Wilcoxon-Mann-Whitney (ver anexo 13).

Como a média das ordens “masculino” (199,49) é maior que a média das ordens “feminino” (187,06), podemos pensar num teste unilateral direito, considerando como valor- p $0,274/2=0,137$ (valor- $p > 0,05$). Logo não poderemos dizer que os valores de *EASAVIC Escala Global* são significativamente superiores na população “masculino”.

5d) Ter um filho do sexo masculino ou do sexo feminino influencia a aliança parental?

Analogamente à análise efectuada para o sexo dos participantes na aliança parental, verificou-se como se comporta a variável *IAP Escala Global* em relação a variável *Sexo dos Filhos IAP* através do teste não paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney (ver anexo 14).

Como a média das ordens “masculino” (187,38) é maior que a média das ordens “feminino”, podemos pensar num teste unilateral direito, considerando um valor $p = 0,598/2 = 0,299$ (valor- $p > 0,05$). Logo não poderemos considerar que os valores de *IAP Escala Global* são significativamente superiores na população “masculino”.

Conclui-se aqui a secção dos resultados, abrindo espaço para a discussão destes.

DISCUSSÃO

Feita a apresentação dos principais resultados deste estudo, importa agora discuti-los, tentando justificar o porquê destes; integrá-los com a literatura de forma a sintetizar se estes foram ao encontro do esperado e ainda, apresentar algumas críticas ao estudo.

Síntese e discussão de resultados

Esta investigação procurou dar um contributo no estudo da conjugalidade e da parentalidade. Para tal foram delineados objectivos (ver “Objectivos e Conceptualização do estudo”), os quais, tendo em conta os resultados apresentados, considera-se que foram cumpridos.

Assim, da tentativa de perceber a influência que os filhos podem ter na satisfação conjugal, verificou-se que o factor ter filhos levava a valores médios no EASAVIC mais baixos. Com isto pode afirmar-se que na amostra global, os casais sem filhos revelaram-se mais satisfeitos com a sua relação do que os casais com filhos. O que é concomitante com alguns estudos. Nomeadamente com Wilkinson (1995) e Crohon (1996), que mostraram que o declínio da felicidade e da satisfação conjugal é mais pronunciado entre os casais que passam pela transição à parentalidade do que os que não o fazem. Uma possível explicação para este facto, poderá estar relacionada com o facto de a criança representar para os cônjuges um “desvio” da atenção que até aqui se centrava somente nos próprios. Pode inclusivamente tornar-se num motivo de disputa entre ambos e/ou uma fonte de discórdia, representando um forte ponto de desgaste na relação conjugal, que não se extinguindo (divórcio) sofre uma deterioração que, no fundo, leva os cônjuges a revelarem-se menos satisfeitos com a sua

relação. De notar apenas que outros factores já abordados no Enquadramento Conceptual (intrusão de famílias de origem, mitos de felicidade, etc.) poderão eventualmente contribuir para este decréscimo de satisfação.

Verificados estes resultados, é interessante questionar o que leva à satisfação nos casais com filhos (uma vez que não ter filhos leva a uma maior satisfação). Será a aliança parental? E que outros factores poderão influenciar?

Começando pela aliança parental, vários são os estudos que têm demonstrado que a satisfação conjugal e a aliança parental estão interligadas de modo significativo. Por exemplo, Van Egeren e Hawkins (2004) fizeram uma revisão de vários estudos que demonstram essa mesma associação e proporcionalidade. Os resultados do presente estudo foram precisamente nesse sentido, uma vez que se verificou uma correlação significativa entre as variáveis EASAVIC Escala Global e IAP Escala Global na amostra em estudo. Assim, a satisfação conjugal aumenta perante uma aliança parental forte; do mesmo modo, se a aliança parental for fraca, a satisfação conjugal tem valores médios mais baixos. Estes resultados reforçam a concepção de Floyd, Gilliom e Costigan (1998), em que a aliança parental deve ser considerado um factor determinante da qualidade das experiências parentais, mais forte do que outros factores do casamento, visto ser mediadora dos efeitos da qualidade conjugal nas experiências parentais. Decorrendo daqui que as variações da conjugalidade podem provocar influências na parentalidade através da aliança parental, como se verificou através da correlação significativa existente entre as variáveis.

Na procura de outros factores que podem influenciar a satisfação conjugal e a aliança parental (até porque estão correlacionadas), optou-se por fazer as análises estatísticas de modo separado para cada uma destas variáveis (EASAVIC Escala Global e IAP Escala Global, respectivamente).

Começou-se pelo factor tempo. De modo a verificar se a conjugalidade e a parentalidade se alteravam ao longo do ciclo de vida, recorreu-se à idade dos filhos (IAP), pois consoante a idade destes teríamos conhecimento da fase do ciclo de vida na qual o casal se encontrava - esta revelou-se a principal limitação do estudo (ver Críticas e Sugestões para investigações futuras). Contrariamente ao esperado, os resultados não indicaram que a idade dos filhos (IAP) influenciasse as variáveis em estudo. De facto, vários são os estudos que confirmam a existência de um declínio na satisfação conjugal nas etapas correspondentes ao nascimento e ao crescimento dos filhos, por exemplo o estudo de Kurdeck (1993, cit. por Narciso, 1994). Assim, deveria assistir-se a uma influência da idade dos filhos, pois tal significaria que ao longo do tempo do ciclo de vida o casal modifica significativamente os seus níveis de satisfação conjugal. Do mesmo modo, visto estarem correlacionadas, também a força da aliança parental deveria sofrer influências ao longo do tempo, neste caso, verificarem-se diferenças significativas consoante a idade dos filhos. Pensa-se que uma hipótese explicativa para estes resultados, advém do facto da variável IAP não ser a variável mais indicada para o estudo em questão, pois para os casos de casais com mais do que um filho, apenas é contemplado um deles, sendo que na realidade o “filho excluído” pôde ter bastante influência nos dados recolhidos nos instrumentos (ver “Críticas e sugestões para investigações futuras”).

Depois, questionou-se se o contexto em que as famílias se inserem tem reflexos ao nível da satisfação conjugal e da aliança parental. Partiu-se então para o estudo da influência que os diferentes níveis socio-económicos da amostra em estudo (“baixo”, “médio” e “médio-alto e alto”) tinham sobre as variáveis representativas da satisfação conjugal e da aliança parental. Relativamente à satisfação conjugal, os resultados obtidos foram no sentido de apontar os níveis socio-económicos “médio” e “médio-alto e alto” como níveis que influenciam a mesma, sendo que a estes níveis estavam associados os valores médios mais elevados de satisfação conjugal. Num estudo efectuado por Braz, Dessen e Silva (2005), também verificaram que pertencer a uma classe social mais elevada influenciava a satisfação nas relações conjugais. Isto verificava-se porque os cônjuges consideravam que as suas relações eram caracterizadas pelo compromisso, intimidade, complementaridade, trocas afectivas e negociação. Em vez de as caracterizarem como relações ausentes de brigas e conflitos (como se verificou na classe mais baixa). Ou seja, existem diferentes factores preponderantes para a percepção da satisfação conjugal mediante o NSE dos indivíduos. Tal pensa-se estar relacionado com uma questão de hierarquia de necessidades, isto é, para NSEs mais baixos existirão, eventualmente, necessidades mais elementares, aludindo mesmo à Pirâmide de Maslow, essencialmente ao nível “Segurança”. Do mesmo modo, indivíduos com NSEs mais elevados, tenderão a ascender a necessidades de nível mais elevado na referida Pirâmide de Maslow, nomeadamente, necessidades de Amor/Relacionamento, Estima e Realização Pessoal. Já em relação à aliança parental, demonstrou-se que todos os níveis socio-económicos exerciam a sua influência sobre a variável IAP. Sendo que quanto mais alto o NSE, maiores são os valores médios da aliança parental. Uma vez mais os nossos dados corroboraram os resultados do estudo anteriormente referido (Braz, Dessen e Silva, 2005), em que a classe mais baixa encontrava-se mais insatisfeita com a família do que os de classe mais alta. Sendo que esta satisfação com a criança das classes mais altas decorre das características emocionais e comportamentais positivas da criança.

Por fim procurou averiguar-se se existiam diferenças de sexo. Isto é, se o sexo seria um factor determinante nos níveis de satisfação conjugal e de aliança parental. Relativamente à satisfação conjugal, os resultados obtidos não indicaram que o sexo dos sujeitos participantes influenciasse os níveis de satisfação conjugal. O que vai no sentido contrário ao demonstrado por Hernandez e Oliveira (2003), que reflectiram sobre um conjunto de estudos nos quais se verificava que os indivíduos tinham uma diferente percepção do casamento, pois consoante o sexo valorizavam mais uns componentes do amor e da satisfação em detrimento de outros. Relativamente à aliança parental, os resultados obtidos revelaram que o sexo dos sujeitos participantes influencia significativamente a aliança parental. Sendo que os indivíduos participantes do sexo masculino apresentam maiores índices de aliança parental do que os indivíduos do sexo feminino. Uma possível explicação para estes resultados, deve-se ao facto dos pais valorizarem mais o papel da mãe enquanto mulher e mãe simultaneamente. Até porque, tipicamente, a mãe é o membro mais presente junto dos filhos e o pai/homem terá tendência a valorizar isso. Contrariamente, e pelos mesmos motivos, a mãe pode não o fazer.

Quanto ao sexo dos filhos (referentes ao questionário IAP) não se verificaram quaisquer influências nem sobre a satisfação conjugal nem sobre a aliança parental. Eventualmente, tal deve-se ao facto de, os pais valorizarem primeiramente outras características dos filhos, acabando por aceitar o filho independentemente do seu sexo.

Críticas e sugestões para investigações futuras

Uma das limitações que se pode reconhecer neste estudo prende-se com a caracterização da amostra. Visto que a maioria dos indivíduos residem na Grande Lisboa, têm formação académica elevada e verifica-se uma maior representação nos níveis socio-económico mais altos. Ou seja, seria pois importante ultrapassar estas questões de representatividade, de modo a que os resultados obtidos fossem uma melhor representação populacional.

Depois nesta sequência surge uma questão de proporções de amostras. Logo na primeira questão, onde se comparam na amostra inicial se ter filhos influencia ou não a satisfação conjugal. Refira-se que as amostras “com” e “sem filhos” apresentam um valor desproporcional entre elas, o que pode enviesar os resultados obtidos.

A principal dificuldade sentida com o decorrer deste estudo foi o facto de não se poder ter em conta a variável idade dos filhos, pois estes foram agrupados segundo os níveis “só pré-escolar”, “só escolares”, “só adolescentes”, “só jovens adultos” e “mistos”. Não permitindo pois, estudar a relação desta variável, pois cada indivíduo devia estar num e num só estágio do ciclo de vida familiar e isso não é discriminado ao existir a categoria “mistos”. Categoria essa, onde 47,5% dos participantes se incluía. Ou sejam mesmo que esta categoria não fosse incluída na análise, os resultados seriam pouco representativos pois este impedimento representa um forte factor de exclusão estatístico.

Depois, ainda relativamente a esta categorização por idades, a informação recolhida não é discriminativa. Por exemplo, pais que tenham filhos “só pré-escolar”, têm filhos de idades compreendidas entre os 0 e os 6 anos, não representando a fase da transição para a parentalidade, a fase de filhos “recém-nascidos”, fase essa nevrálgica, como foi amplamente revisto pela literatura. Recorde-se que o nascimento de um filho pode trazer um decréscimo na satisfação conjugal e iniciar fracturas que podem levar ao divórcio (Gottman e Silver, 2002).

Ainda relativamente à questão da idade, outra dificuldade encontrada prende-se com a escolha da variável para tratar a mesma. Tomando como adquirido que o ciclo de vida familiar tem em conta a idade dos filhos e dada a existência da categoria “Mistos” que inviabilizava a escolha da variável *idade dos filhos*, optou-se pela variável *idade do filho IAP*, pois esta apenas contempla um único filho. Contudo, pensa-se que também a escolha desta variável trouxe problemas. Isto porque para os casos de casais com mais do que um filho, apenas é contemplado um deles, sendo que na realidade o(s) “filho(s) excluído(s)” pôde ter uma influência bastante vincada nos dados recolhidos nos instrumentos. Pois, para o caso, ainda que um pai esteja a responder ao IAP tendo em conta um único filho, a sua parentalidade (e consequente aliança parental) não se resume ao mesmo, sendo afectada também pelo outro filho (ainda que não-deliberadamente).

De resto, sugere-se um estudo longitudinal para uma melhor compreensão das variações que vão surgindo ao longo do ciclo de vida da família (relativamente à influência da relação existente entre conjugalidade e parentalidade). Ou seja, um estudo que reflecta de que modo a satisfação conjugal e a aliança parental se influenciam mutuamente ao longo das diferentes etapas que constituem o ciclo de vida familiar, verificando quais são os factores mediadores nesta influência.

Igualmente interessante e muito rico seria a utilização de uma metodologia qualitativa. Recorrendo a estudo de casos, poderiam encontrar-se quais os períodos normativos que fazem alterar a satisfação conjugal e a aliança parental, bem como reconhecer alguns acontecimentos não-normativos que promovessem alterações nesta relação.

CONCLUSÕES

O presente trabalho procurou contribuir para um maior conhecimento da conjugalidade e da parentalidade.

Assim, fez-se um enquadramento que forneceu fundamentação para a importância de se investigar a relação entre estas áreas. Mais, aludiu-se para a questão do dinamismo do sistema familiar que, sendo um sistema aberto e activo, está em constante mudança. Ou seja, mais que verificar a relação, pretendeu-se demonstrar como estas variáveis variavam ao longo do tempo e se factores como o nível socio-económico e o sexo as influenciavam.

Depois de se ter feito uma caracterização do processo metodológico utilizado neste estudo, incluindo uma caracterização da amostra, procedeu-se à apresentação dos principais resultados.

Daqui, destaca-se que os casais sem filhos apresentam valores médios de satisfação conjugal mais elevados do que os casais com filhos. Sendo que os casais com filhos que apresentam valores médios de satisfação conjugal mais elevados, apresentam valores médios de aliança parental também mais elevados. Refira-se igualmente a importância do contexto, do nível socio-económico em que as famílias se inserem, pois estes revelaram-se influentes nas variáveis em estudo. Igualmente significativo foi o efeito de sexo do sujeito participante na aliança parental, em que as mulheres têm uma percepção mais negativa da aliança parental.

Depois, em relação ao factor tempo, não se verificou que a idade dos filhos IAP influenciasse quer a satisfação conjugal quer a aliança parental. Mas como já referido, consideramos que a escolha desta variável *Idade do Filho IAP* não foi a mais adequada.

Em síntese, com este estudo, mais do que obter resultados conclusivos, espera-se que contribua como motor para novas investigações nesta área. Como verificado, há uma clara relação entre estes dois parâmetros de vida de um sujeito, o ser-se cônjuge e o ser-se pai/mãe. Resta aprofundar-se o impacto deste acumular de papéis em outras áreas de vida. Por

exemplo de que modo o papel profissional beneficia desta parceria entre a satisfação conjugal e a aliança parental? Isto é, importa atentar às influências que os distintos papéis podem exercer sobre cada membro e consequentemente à família – organismo vivo, que tem de ser capaz de, alternadamente, se fechar em si mesma, para repor forças, e de se abrir a novas oportunidades exteriores, para enfrentar as mudanças imprevisíveis.

BIBLIOGRAFIA

- Abidin, R. e Brunner, J. (1995). Development of a Parenting Alliance Inventory. *Journal of Clinical Child Psychology*, 24 (1), 31-40.
- Aboim S. (2006). Conjugalidade, afectos e formas de autonomia individual. *Análise Social*, vol. XLI (180), 801-825.
- Ahrons, C. (1994). *The Good Divorce: Keeping Your Family Together When Your Marriage Comes Apart*. New York:HarperCollins.
- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Araújo, A. F. e Canavarro, M.C. (2001). *Mães de bebés prematuros: factores psicossociais e reacções emocionais na prematuridade*. Comunicação apresentada no Congresso Internacional Percursos no Feminino, Minho.
- Belsky, J. (1990). *The Psychology of Aging: Theory, Research, and Interventions*. University of Michigan:Brooks/Cole Pub. Co..
- Belsky, J., Youngblade, L., Rovine, M. e Veiling, B. (1991). Patterns of marital change and parent-child interaction. *Journal of Marriage and the Family*, 53, 487-498.
- Berger, P. e Kellner, H. (1964). Marriage and the construction of reality. *Diogenes*, 46, 1-24.
- Braz, M., Dessen, M. e Silva, N. (2005). Relações Conjugais e Parentais: Uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (2), 151-161.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.

- Canavarro, M. C. (2001). *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Coleta, M. F. (1989). A medida de satisfação conjugal: adaptação de uma escala. *Psico*, 18(2), 90-112.
- Cowan, C. P., Cowan, P. A., Heming, G., e Miller, N. B. (1991). *Becoming a family: Marriage, parenting, and child development*. In P. A. Cowan, e M. Hetherington (Eds.), *Family transitions* (pp. 79-109). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Crespo, C. (2007). *Rituais Familiares e o casal: Paisagens Inter-sistémicas*. Dissertação de Doutoramento pela FPCEUL (não publicado).
- Crohan, S. E. (1996). Marital quality and conflict across the transition to parenthood in african american and white couples. *Journal of Marriage and the Family*, 58, 933-944.
- Cruz, H. e Pinho, I. (2006). *Pais Uma Experiencia*. Porto: Papiro Editora.
- Easterbrooks, M. A., e Emde, R. N. (1988). Marital and parent-child relationships: The role of affect in the family system. In R. A. Hinde e J. Stevenson-Hinde (Eds.), *Relationships within families: Mutual influences* (pp. 83-103). Oxford, UK: Clarendon.
- Engfer, A. (1988). The interrelatedness of marriage and the mother-child relationship. In R. A. Hinde & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *Relationships within families: Mutual influences* (pp. 105-118). Oxford, UK: Clarendon.
- Erel, O., e Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118, 108-132.
- Falicov, C. J. (1988). *Family transitions: continuity and change over the life cycle*. London: The Guilford Press.
- Fauchier, A. e Margolin, G. (2004). Affection and Conflict in marital and parent-child relationships. *Journal of Marital and Family Therapy*, 30 (2), 197-211.

- Fincham, F. D., Beach, S. R. H., e Kemp-Fincham, S. I. (1997). Marital quality: A new theoretical perspective. In R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (pp. 275-304). New York: Guilford Press.
- Fine, M. e Harvey, J. (2006). *Handbook of Divorce and Relationship Dissolution*. Routledge
- Floyd, F., Gilliom, L. e Costigan, C. (1998). Marriage and Parenting Alliance: Longitudinal Prediction of Change in Parenting Perceptions and Behavior. *Child Development*, 69 (5), 1461-1479.
- Gable, S., Belsky, J., Crnic, K. (1992). Marriage, parenting, and child development: Progress and prospects. *Journal of Family Psychology*. 5(3-4), 276-294.
- Gottman, J. M. (1994). *Why marriages succeed or fail*. Nova York: Simon & Schuster.
- Gottman, J.M., Silver, N. (2002). Os 7 Principios do Casamento. Cascais: Pergaminho.
- Hernandez, J. e Oliveira, I. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia: Ciência e profissão*, 23 (1), 58-69.
- Hiccks, M., e Platt, M. (1970). Marital hapiness and stability: a review of the research in the sixties. *Journal of Marriage and the Family*, 32, 553-574.
- Howes, P., e Markman, H. J. (1989). Marital quality and child attachment: A longitudinal study. *Child Development*, 60, 1044-1051.
- Johnson, D. R., e Booth, A. (1998). Marital quality: a product of dyadic environment or individual factors? *Social Forces. Chapel Hill*, 76 (3), 883-904.
- Karpel, M. A. (1994). *Evaluating couples: A handbook for practitioners*. New York,USA: W. W. Norton e Company.
- Kurdek, L. A. (1998). The nature and predictors of the trajectory of change in marital quality of the first 4 years of marriage for first-married husbands and wives. *Journal of Family Psychology*, 12, 494-510.

- Lindahl, K. M., Clements, M., e Markman, H. (1997). Predicting marital and parent functioning in dyads and triads: A longitudinal investigation of marital processes. *Journal of Family Psychology*, 11, 139-151.
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística com a utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- McCubbin, H. I., e Patterson, J. M. (1983). Family transitions: Adaptation to stress. In H.I. McCubbin e C.R. Figley (Eds.), *Stress and the family – vol.1: Coping with normative transitiosn* (pp. 5-25). New York: Brunner/Mazel.
- Miller, B. C. (1976). A multivariate developmental model of marital satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 38, 643-65.
- Minuchin, P. Colapinto, J. e Minuchin, S. (1998). *Working with families of the poor*. NY: The Guilford Press.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Monteiro, S. (2005). *Contextos Relacionais na adaptação à maternidade: estudo da influência das relações afectivas com os pais durante a infância e adolescência e do suporte social na idade adulta*. Dissertação de Mestrado pela FPCEUL (não publicado).
- Narciso, I. (1994). *Metamorfoses do amor e da satisfação conjugal*. Lisboa: Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica apresentadas na Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Lisboa.
- Narciso, I. e Costa, M. E. (1996). Amores Satisfeitos, mas não Perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115-130.
- Narciso, I. (2001). *Conjugualidades Satisfeitas mas não Perfeitas – à Procura do Padrão que Liga*. Dissertação de Doutoramento pela FPCEUL (não publicado).
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família perspectiva sistémica*. Porto. Edições Afrontamento.
- Relvas, A. P. (2000). *O Ciclo Vital da Família*. Porto: Afrontamento.

- Ribeiro, M. T. (2007) *Família: Comunidade Educativa – Filhos hoje, Pais amanhã*. Comunicação Oral no Auditório da Assembleia da República. Lisboa
- Rollins, B. C. e Cannon, J. L. (1974). Marital satisfaction over family life cycle: a reevaluation. *Journal of Marriage and the Family*, 36, 271-282.
- Roth, J. e Peck, R. F. (1951). Social class and social military factors related to marital adjustment. *Social Review*, 16, 478-487.
- Rothman, A. D. (2004). The nature and prediction of marital change across the transition to parenthood. *Dissertation Abstracts International: section B: The sciences and engineering*, 65(2-B), 1038.
- Sampaio, D. e Gameiro, J. (1985). *Terapia Familiar*. Biblioteca Ciências do Homem. Porto. Edições Afrontamento.
- Scanzoni, J. (1989). *The Sexual Bond: Rethinking Families and Close Relationships*. USA: Sage Publications.
- Schultz, M., Cowan, C. e Cowan, P. (2006). Promoting healthy beginnings: A randomized controlled trial of a preventive intervention to preserve marital quality during the transition to parenthood. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 74(1), 20-31.
- Simões, M.M.R (1994). *Investigação no âmbito da aferição nacional dos Testes das Matrizes Coloridas de Raven*. Dissertação de Doutoramento pela Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação, Universidade de Coimbra.
- Singly, F. (2000). *Libres ensemble. L'individualisme dans la vie commune*. Paris. Nathan.
- Sousa, J. (2006). As famílias como projectos de vida: O desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade. *Saber (e) Educar* 11, 41–47.
- Tessier, R., Piché, C., Tarabulsky, G. M., e Muckle, G. (1992). Mothers' experience of stress following the birth of a first child: Identification of stressors and coping resources. *Journal of Applied Social Psychology*, 22, 1319-1339.

- Veiga-da-Silva, C. E. (2001). *Sem "nós" dois, o que resta sou eu: os caminhos para a separação conjugal*. Tese de Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. (não publicada).
- Van Egeren, L. e Hawkins, D. (2004). Coming to Terms with Coparenting: Implications of Definition and Measurement. *Journal of Adult Development*, 11(3), 165-178.
- Weiss, P. S., e Palos, A. P. (1988). Desarrollo y validación de la escala de la satisfacción marital. *Psiquiatria*, 1, 9-20.
- White, L. K., e Booth, A. (1985). The transition to parenthood and marital quality. *Journal of Family Issues*, 6, 435-450.
- Wilkinson, R. B. (1995). Changes in psychological health and the marital relationship through childbearing: Transition or process as stressor? *Australian Journal of Psychology*, 4(47), 86-92.

Anexos

Índice

Anexo 1.....	4
Caracterização da amostra inicial tendo por base as características gerais	4
Caracterização da amostra inicial tendo por base a situação relacional	5
Caracterização da amostra inicial tendo por base a situação parental	6
Anexo 2.....	7
Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC; Narciso e Costa, 1996)	7
Anexo 3.....	9
Inventário de Aliança Parental (IAP; Abidin, 1988)	9
Anexo 4.....	11
Teste de Wilcoxon-Mann-Whitney - EASAVIC Escala Global nas populações “sem filhos” e “com filhos”	11
Anexo 5.....	12
Coeficiente de Correlação Ordinal de <i>Spearman</i> - EASAVIC Escala Global e IAP Escala Global	12
Anexo 6.....	13
Anexo 6.....	13
Análise da Variância Multivariada – Tempo de Casamento x Idade dos filhos x n.º de filhos 13	
Anexo 7.....	25
Análise da variância univariada - EASAVIC Escala Global e Idade dos Filhos IAP	25
Anexo 8.....	26
Teste de Kruskal-Wallis - IAP Escala Global e Idade dos filhos.....	26
Anexo 9.....	27
Análise da Variância Univariada - EASAVIC Escala Global e NSE.....	27
Comparação Múltipla <i>a posteriori</i> de Tukey - EASAVIC Escala Global e NSE.....	27
Anexo 10.....	28
Teste de Kruskal-Wallis - IAP Escala Global e NSE.....	28
Comparação múltipla das médias das ordens - IAP Escala Global e NSE.....	28
Anexo 11.....	29
Teste-t – EASAVIC Escala Global e Sexo	29
Anexo 12.....	30
Teste de Wilcoxon-Mann-Whitney – IAP Escala Global e Sexo	30
Anexo 13.....	31

Teste de Wilcoxon-Mann-Whitney –EASAVIC Escala Global e Sexo Filho	31
Anexo 14.....	32
Teste de Wilcoxon-Mann-Whitney – IAP Escala Global e Sexo Filho.....	32

Anexo 1

Caracterização da amostra inicial tendo por base as características gerais

<i>Características gerais da amostra</i>		
	n	%
Sexo		
Masculino	315	48,3
Feminino	337	51,7
Escolaridade		
0-4 Anos escolaridade	20	3,1
5-6 Anos escolaridade	16	2,5
7-9 Anos escolaridade	71	10,9
9-12 Anos escolaridade	168	25,8
Frequência Universitária	54	8,3
Ensino Superior	322	49,4
Origem Étnica		
Caucasiana	630	96,6
Africana	7	1,1
Caucasina-africana	6	,9
Outra	5	,8
Idade		
20-29 Anos	119	18,3
30-39 Anos	231	35,4
40-49 Anos	223	34,2
50-59 Anos	71	10,9
60-69 Anos	7	1,1
Igual ou mais de 70 Anos	1	,2
Nível Sócio-Económico		
Baixo	65	10,0
Médio	263	40,3
Médio-alto e Alto	324	49,7
Zona de Residência		
Norte	39	6,0
Centro	139	21,3
Grande Lisboa	379	58,1
Alentejo	17	2,6
Algarve	30	4,6
Arq. Madeira	16	2,5
Arq. Açores	26	4,0
Outra	6	,9

Caracterização da amostra inicial tendo por base a situação relacional

Conjugalidade		
	n	%
Estado Civil		
Casado	557	85,4
Divorciado	11	1,7
Solteiro	84	12,9
Situação Relacional		
Casamento	551	85,0
União de Facto	97	15,0
Tempo de Casamento (dos 85,4% de casados)		
0-4 Anos	115	20,9
5-9 Anos	92	16,7
10-14 Anos	81	14,7
15-19 Anos	128	23,2
≥ 20 Anos	135	24,5
Tempo de União de Facto (dos 15%)		
2-4 Anos	64	66,0
5-9 Anos	25	25,8
10-14 Anos	6	6,2
15-19 Anos	1	1,0
≥ 20 Anos	1	1,0
Tempo de Divórcio (do total da amostra)		
0-4 Anos	4	,6
5-9 Anos	1	,2
10-14 Anos	1	,2
≥ 20 Anos	1	,2
Número de Casamentos Anteriores		
0	608	93,5
1	35	5,4
2	5	,8
5	2	,3
Número de Uniões de Facto Anteriores		
0	639	98,0
1	9	1,4

Caracterização da amostra inicial tendo por base a situação parental

Parentalidade		
	n	%
Filhos		
Sem filhos	190	29,3
Com filhos	462	70,7
Gravidez		
Não	628	96,3
Sim	24	3,7
Tipo de Filhos		
Biológicos	375	80,6
Adoptivos	51	11,0
Enteados	5	1,1
Mistos	34	7,3
Idades		
Só pré-escolar	88	18,9
Só escolares	50	10,8
Só adolescentes (10-17)	82	17,6
Só jovens adultos/adultos	30	6,5
Mistos	215	46,2
Número total de filhos		
0	187	28,7
1	188	28,8
2	220	33,7
3	46	7,1
4	8	1,2
5	3	,5
Tipo de família		
Nuclear	616	94,5
Nuclear + Alargada	33	5,1
Monoparental	3	,5

Anexo 2

**Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC;
Narciso e Costa, 1996)**

Anexo 3

Inventário de Aliança Parental (IAP; Abidin, 1988)

Anexo 4

Teste de Wilcoxon-Mann-Whitney - EASAVIC Escala Global nas populações “sem filhos” e “ com filhos”

Ranks

	10.Filhos	N	Média das ordens
EASAVI Escala Global	sem filhos	185	365,67
	com filhos	443	293,13
	Total	628	

Test Statistics(a)

	EASAVI Escala Global
Mann-Whitney U	31511,000
Wilcoxon W	129857,000
Z	-4,568
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000

a Grouping Variable: 10.Filhos

Anexo 5

Coeficiente de Correlação Ordinal de *Spearman* - EASAVIC Escala Global e IAP Escala Global

Correlations

			EASAVI Escala Global	IAP Escala Global
Spearman's rho	EASAVI Escala Global	Correlation Coefficient	1,000	,582**
		Sig. (2-tailed)	.	,000
		N	409	365
	IAP Escala Global	Correlation Coefficient	,582**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,000	.
		N	365	374

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo 6

Análise da Variância Multivariada – Tempo de Casamento x Idade dos filhos x n.º de filhos

Descriptive Statistics

7aa.Reclassificação tempo de casamento	Reclassificação Idade Filhos IAP	Reclassificação número de filhos	Mean	Std. Deviation	N
EASAVI Escala 0-4 Global	pré-escolar (menos de 6)	1 filho	208,71	31,626	14
		2 ou mais filhos	264,00	.	1
		Total	212,40	33,653	15
	escolar (6-10)	2 ou mais filhos	181,00	28,284	2
		Total	181,00	28,284	2
	Total	1 filho	208,71	31,626	14
		2 ou mais filhos	208,67	51,926	3
		Total	208,71	33,908	17
	5-9	1 filho	202,42	30,079	36
		2 ou mais filhos	197,00	36,819	13
		Total	200,98	31,694	49
	escolar (6-10)	1 filho	190,00	55,154	2
		2 ou mais filhos	206,44	32,106	9
		Total	203,45	34,250	11
	adolescência	1 filho	245,00	.	1

intermédia (15-18) Total			245,00	.	1
10-14	Total	1 filho	202,87	31,129	39
		2 ou mais filhos	200,86	34,495	22
		Total	202,15	32,111	61
	pré-escolar (menos de 6)	1 filho	208,50	32,807	6
		2 ou mais filhos	200,67	29,595	6
		Total	204,58	30,068	12
	escolar (6-10)	1 filho	200,67	31,786	15
		2 ou mais filhos	203,17	18,351	24
		Total	202,21	24,033	39
	adolescente (11-14)	1 filho	207,40	25,146	5
		2 ou mais filhos	209,45	48,358	11
		Total	208,81	41,576	16
15-19	Total	1 filho	203,77	29,934	26
		2 ou mais filhos	204,49	29,963	41
		Total	204,21	29,726	67
	pré-escolar (menos de 6)	2 ou mais filhos	202,67	22,030	3
		Total	202,67	22,030	3
	escolar (6-10)	1 filho	201,57	41,218	7

		2 ou mais filhos	199,53	30,513	19
		Total	200,08	32,847	26
	adolescente (11-14)	1 filho	209,08	30,348	12
		2 ou mais filhos	201,74	30,436	34
		Total	203,65	30,250	46
	adolescência intermédia (15-18)	1 filho	219,50	20,140	10
		2 ou mais filhos	209,00	35,699	19
		Total	212,62	31,232	29
	Total	1 filho	210,86	30,097	29
		2 ou mais filhos	203,05	31,237	75
		Total	205,23	30,978	104
igual ou mais de 20	escolar (6-10)	1 filho	222,50	20,506	2
		2 ou mais filhos	208,45	23,955	20
		Total	209,73	23,586	22
	adolescente (11-14)	1 filho	221,70	25,721	10
		2 ou mais filhos	201,62	42,014	16
		Total	209,35	37,369	26
	adolescência intermédia (15-18)	1 filho	191,36	37,002	14
		2 ou mais filhos	194,98	33,056	48

Total				194,16	33,705	62
Total	Total	1 filho		205,42	34,743	26
		2 ou mais filhos		199,45	33,183	84
		Total		200,86	33,493	110
	pré-escolar (menos de 6)	1 filho		204,64	30,317	56
		2 ou mais filhos		201,61	34,242	23
		Total		203,76	31,317	79
	escolar (6-10)	1 filho		201,77	34,033	26
		2 ou mais filhos		203,46	25,194	74
		Total		203,02	27,588	100
	adolescente (11-14)	1 filho		213,44	27,531	27
		2 ou mais filhos		203,10	36,736	61
		Total		206,27	34,355	88
Total	adolescência intermédia (15-18)	1 filho		204,76	34,008	25
		2 ou mais filhos		198,96	34,150	67
		Total		200,53	34,024	92
	Total	1 filho		205,88	31,152	134
		2 ou mais filhos		201,83	32,108	225
		Total		203,34	31,772	359
	Total	1 filho		205,88	31,152	134
		2 ou mais filhos		201,83	32,108	225
		Total		203,34	31,772	359
	Total	1 filho		205,88	31,152	134
		2 ou mais filhos		201,83	32,108	225
		Total		203,34	31,772	359
IAP Escala	0-4	pré-escolar	1 filho	81,21	9,407	14

Global	(menos de 6)	2 ou mais filhos	93,00	.	1	
		Total	82,00	9,562	15	
	escolar (6-10)	2 ou mais filhos	77,50	10,607	2	
		Total	77,50	10,607	2	
	Total	1 filho	81,21	9,407	14	
		2 ou mais filhos	82,67	11,676	3	
		Total	81,47	9,448	17	
	5-9	pré-escolar (menos de 6)	1 filho	82,08	7,617	36
			2 ou mais filhos	79,38	14,128	13
			Total	81,37	9,677	49
		escolar (6-10)	1 filho	79,50	20,506	2
			2 ou mais filhos	85,89	7,322	9
			Total	84,73	9,572	11
		adolescência intermédia (15-18)	1 filho	87,00	.	1
			Total	87,00	.	1
Total		1 filho	82,08	8,093	39	
		2 ou mais filhos	82,05	12,049	22	
		Total	82,07	9,607	61	
10-14		pré-escolar (menos de 6)	1 filho	78,67	10,912	6
	2 ou mais filhos		77,67	8,548	6	

15-19	Total	Total	78,17	9,360	12	
		escolar (6-10)	1 filho	81,40	6,978	15
			2 ou mais filhos	81,00	6,871	24
	Total		81,15	6,823	39	
	adolescente (11-14)	1 filho	83,20	7,430	5	
		2 ou mais filhos	85,00	7,537	11	
		Total	84,44	7,303	16	
	Total	1 filho	81,12	7,891	26	
		2 ou mais filhos	81,59	7,497	41	
		Total	81,40	7,596	67	
	pré-escolar (menos de 6)	2 ou mais filhos	82,00	10,583	3	
		Total	82,00	10,583	3	
		escolar (6-10)	1 filho	84,00	9,074	7
	2 ou mais filhos		82,11	8,232	19	
	Total		82,62	8,324	26	
adolescente (11-14)	1 filho	82,42	8,436	12		
	2 ou mais filhos	79,56	6,981	34		
	Total	80,30	7,399	46		
adolescência intermédia (15-18)	1 filho	86,10	6,773	10		
	2 ou mais filhos	81,26	10,928	19		

Total			82,93	9,849	29
igual ou mais de 20	Total	1 filho	84,07	7,937	29
		2 ou mais filhos	80,73	8,459	75
		Total	81,66	8,414	104
	escolar (6-10)	1 filho	83,00	9,899	2
		2 ou mais filhos	83,75	7,217	20
		Total	83,68	7,200	22
	adolescente (11-14)	1 filho	83,90	7,094	10
		2 ou mais filhos	79,25	12,069	16
		Total	81,04	10,528	26
	adolescência intermédia (15-18)	1 filho	77,50	9,395	14
		2 ou mais filhos	78,87	10,027	48
		Total	78,56	9,829	62
Total	Total	1 filho	80,38	8,837	26
		2 ou mais filhos	80,11	9,970	84
		Total	80,17	9,675	110
	pré-escolar (menos de 6)	1 filho	81,50	8,354	56
		2 ou mais filhos	79,87	12,065	23
		Total	81,03	9,530	79
	escolar (6-10)	1 filho	82,08	8,347	26

	2 ou mais filhos	82,53	7,475	74
	Total	82,41	7,670	100
adolescente (11-14)	1 filho	83,11	7,516	27
	2 ou mais filhos	80,46	8,793	61
	Total	81,27	8,469	88
adolescência intermédia (15-18)	1 filho	81,32	9,187	25
	2 ou mais filhos	79,55	10,264	67
	Total	80,03	9,964	92
Total	1 filho	81,90	8,286	134
	2 ou mais filhos	80,81	9,264	225
	Total	81,22	8,916	359

Multivariate Tests^d

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Intercept	Pillai's Trace	,960	3,989E3	2,000	331,000	,000	7977,160	1,000
	Wilks' Lambda	,040	3,989E3	2,000	331,000	,000	7977,160	1,000
	Hotelling's Trace	24,100	3,989E3	2,000	331,000	,000	7977,160	1,000
	Roy's Largest Root	24,100	3,989E3	2,000	331,000	,000	7977,160	1,000
ReclassTCasamento	Pillai's Trace	,007	,301	8,000	664,000	,966	2,404	,150
	Wilks' Lambda	,993	,300 ^a	8,000	662,000	,966	2,399	,149

	Hotelling's Trace	,007	,299	8,000	660,000	,966	2,394	,149
	Roy's Largest Root	,006	,497 ^c	4,000	332,000	,738	1,988	,169
ReclassIdFilhol AP	Pillai's Trace	,014	,768	6,000	664,000	,595	4,607	,307
	Wilks' Lambda	,986	,768 ^a	6,000	662,000	,595	4,606	,307
	Hotelling's Trace	,014	,768	6,000	660,000	,596	4,606	,307
	Roy's Largest Root	,013	1,483 ^c	3,000	332,000	,219	4,449	,391
Reclassificação _NFilhos	Pillai's Trace	,002	,347 ^a	2,000	331,000	,707	,694	,105
	Wilks' Lambda	,998	,347 ^a	2,000	331,000	,707	,694	,105
	Hotelling's Trace	,002	,347 ^a	2,000	331,000	,707	,694	,105
	Roy's Largest Root	,002	,347 ^a	2,000	331,000	,707	,694	,105
ReclassTCasa mento * ReclassIdFilhol AP	Pillai's Trace	,057	1,395	14,000	664,000	,149	19,533	,822
	Wilks' Lambda	,943	1,398 ^a	14,000	662,000	,148	19,577	,823
	Hotelling's Trace	,059	1,401	14,000	660,000	,146	19,620	,825
	Roy's Largest Root	,048	2,256 ^c	7,000	332,000	,030	15,795	,834
ReclassTCasa mento * Reclassificação _NFilhos	Pillai's Trace	,020	,829	8,000	664,000	,577	6,633	,391
	Wilks' Lambda	,980	,828 ^a	8,000	662,000	,578	6,624	,390
	Hotelling's Trace	,020	,827	8,000	660,000	,579	6,615	,389
	Roy's Largest Root	,016	1,318 ^c	4,000	332,000	,263	5,274	,411
ReclassIdFilhol AP * Reclassificação _NFilhos	Pillai's Trace	,007	,381	6,000	664,000	,891	2,285	,161
	Wilks' Lambda	,993	,380 ^a	6,000	662,000	,892	2,280	,161
	Hotelling's Trace	,007	,379	6,000	660,000	,892	2,275	,161

	Roy's Largest Root	,006	,646 ^c	3,000	332,000	,586	1,938	,185
ReclassTCasamento *	Pillai's Trace	,010	,421	8,000	664,000	,909	3,366	,200
ReclassIdFilhoAP *	Wilks' Lambda	,990	,420 ^a	8,000	662,000	,909	3,359	,199
Reclassificação_NFilhos	Hotelling's Trace	,010	,419	8,000	660,000	,910	3,352	,199
	Roy's Largest Root	,008	,687 ^c	4,000	332,000	,601	2,748	,223

a. Exact tatistic

b. Computed using alpha = ,05

c. The statistic is an upper bound on F that yields a lower bound on the significance level.

d. Design: Intercept + ReclassTCasamento + ReclassIdFilhoAP + Reclassificação_NFilhos + ReclassTCasamento * ReclassIdFilhoAP + ReclassTCasamento * Reclassificação_NFilhos + ReclassIdFilhoAP * Reclassificação_NFilhos + ReclassTCasamento * ReclassIdFilhoAP * Reclassificação_NFilhos

Levene's Test of Equality of Error Variances^a

	F	df1	df2	Sig.
EASAVI Escala Global	1,118	26	332	,318
IAP Escala Global	,923	26	332	,575

Tests the null hypothesis that the error variance of the dependent variable is equal across groups.

a. Design: Intercept + ReclassTCasamento + ReclassIdFilhoAP + Reclassificação_NFilhos + ReclassTCasamento * ReclassIdFilhoAP + ReclassTCasamento * Reclassificação_NFilhos + ReclassIdFilhoAP * Reclassificação_NFilhos + ReclassTCasamento * ReclassIdFilhoAP * Reclassificação_NFilhos

Tests of Between-Subjects Effects

Source	Dependent Variable	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Noncent. Parameter	Observed Power ^b
Corrected Model	EASAVI Escala Global	22660,956 ^a	26	871,575	,854	,674	22,212	,744
	IAP Escala Global	1911,841 ^c	26	73,532	,920	,581	23,911	,786
Intercept	EASAVI Escala Global	4025956,424	1	4025956,424	3946,132	,000	3946,132	1,000
	IAP Escala Global	624553,743	1	624553,743	7811,271	,000	7811,271	1,000
ReclassTCasamento	EASAVI Escala Global	442,440	4	110,610	,108	,980	,434	,072
	IAP Escala Global	104,903	4	26,226	,328	,859	1,312	,124
ReclassIdFilhoIAP	EASAVI Escala Global	4110,882	3	1370,294	1,343	,260	4,029	,357
	IAP Escala Global	45,462	3	15,154	,190	,904	,569	,085
Reclassificação_N Filhos	EASAVI Escala Global	669,949	1	669,949	,657	,418	,657	,127
	IAP Escala Global	32,101	1	32,101	,401	,527	,401	,097
ReclassTCasamento * ReclassIdFilhoIAP	EASAVI Escala Global	15625,568	7	2232,224	2,188	,035	15,316	,820
	IAP Escala Global	827,885	7	118,269	1,479	,174	10,354	,621

ReclassTCasamen to *	EASAVI Escala Global	4758,629	4	1189,657	1,166	,326	4,664	,366
Reclassificação_N Filhos	IAP Escala Global	339,365	4	84,841	1,061	,376	4,244	,334
ReclassIdFilholAP *	EASAVI Escala Global	1683,212	3	561,071	,550	,649	1,650	,163
Reclassificação_N Filhos	IAP Escala Global	125,075	3	41,692	,521	,668	1,564	,156
ReclassTCasamen to *	EASAVI Escala Global	1763,784	4	440,946	,432	,785	1,729	,151
ReclassIdFilholAP *	IAP Escala Global	214,197	4	53,549	,670	,613	2,679	,218
Error	EASAVI Escala Global	338715,90 2	332	1020,229				
	IAP Escala Global	26545,212	332	79,955				
Total	EASAVI Escala Global	1,521E7	359					
	IAP Escala Global	2396509,0 00	359					
Corrected Total	EASAVI Escala Global	361376,85 8	358					
	IAP Escala Global	28457,053	358					

a. R Squared = ,063 (Adjusted R Squared = -,011)

b. Computed using alpha = ,05

c. R Squared = ,067 (Adjusted R Squared = -,006)

Anexo 7

Análise da variância univariada - EASAVIC Escala Global e Idade dos Filhos IAP

Tests of Normality

Reclassificação Idade Filhos IAP		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
EASAVI Escala Global	pré-escolar (menos de 6)	,051	85	,200*	,982	85	,299
	escolar (6-10)	,081	115	,059	,957	115	,001
	adolescente (11-14)	,081	93	,170	,957	93	,004
	adolescência intermédia (15-18)	,057	93	,200*	,976	93	,084

*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

Test of Homogeneity of Variances

EASAVI Escala Global

Levene Statistic	df1	df2	Sig.
,526	3	382	,664

ANOVA

EASAVI Escala Global

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	2300,796	3	766,932	,726	,537
Within Groups	403580,4	382	1056,493		
Total	405881,2	385			

Anexo 8

Teste de Kruskal-Wallis - IAP Escala Global e Idade dos filhos

Ranks

	Reclassificação Idade	N	Mean Rank
IAP Escala Global	pré-escolar (menos de 6)	80	180,70
	escolar (6-10)	101	196,24
	adolescente (11-14)	91	183,55
	adolescência intermédia (15-18)	96	176,21
	Total	368	

Test Statistics^{a,b}

	IAP Escala Global
Chi-Square	1,925
df	3
Asymp. Sig.	,588

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: Reclassificação Idade Filhos IAP

Anexo 9

Análise da Variância Univariada - *EASAVIC Escala Global e NSE*

Tests of Normality

5a. Reclassificação Profissão ou ano escolar		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
EASAVI Escala Global	Nível sócio-económico baixo	,088	53	,200*	,974	53	,289
	NSE médio	,057	152	,200*	,976	152	,009
	NSE médi-alto e alto	,062	204	,054	,964	204	,000

*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

Test of Homogeneity of Variances

EASAVI Escala Global

Levene Statistic	df 1	df 2	Sig.
,370	2	406	,691

ANOVA

EASAVI Escala Global

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	6501,788	2	3250,894	3,112	,046
Within Groups	424077,3	406	1044,525		
Total	430579,1	408			

Comparação Múltipla *a posteriori* de Tukey - *EASAVIC Escala Global e NSE*

Multiple Comparisons

Dependent Variable: EASAVI Escala Global

Tukey HSD

(I) 5a. Reclassificação Profissão ou ano escolar	(J) 5a. Reclassificação Profissão ou ano escolar	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Nível sócio-económico baixo	NSE médio	5,943	5,156	,482	-6,18	18,07
	NSE médi-alto e alto	-2,665	4,983	,854	-14,39	9,06
NSE médio	Nível sócio-económico baixo	-5,943	5,156	,482	-18,07	6,18
	NSE médi-alto e alto	-8,608*	3,463	,035	-16,75	-,46
NSE médi-alto e alto	Nível sócio-económico baixo	2,665	4,983	,854	-9,06	14,39
	NSE médio	8,608*	3,463	,035	,46	16,75

*. The mean difference is significant at the .05 level.

Anexo 10

Teste de Kruskal-Wallis - IAP Escala Global e NSE

Ranks

5a. Reclassificação		N	Mean Rank
IAP Escala Global	Nível sócio-económico baixo	49	174,16
	NSE médio	141	167,68
	NSE médi-alto e alto	184	206,24
	Total	374	

Test Statistics^{a,b}

	IAP Escala Global
Chi-Square	11,029
df	2
Asymp. Sig.	,004

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: 5a. Reclassificação
Profissão ou ano escolar

Comparação múltipla das médias das ordens - IAP Escala Global e NSE

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Rank of IAP_Global by ReclassProfissão

LSD

(I) 5a. Reclassificação Profissão ou ano escolar	(J) 5a. Reclassificação Profissão ou ano escolar	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Nível sócio-económico baixo	NSE médio	-46,00000*	7,509819	,000	-60,76715	-31,23285
	NSE médi-alto e alto	-67,50000*	7,279999	,000	-81,81523	-53,18477
NSE médio	Nível sócio-económico baixo	46,00000*	7,509819	,000	31,23285	60,76715
	NSE médi-alto e alto	-21,50000*	5,068547	,000	-31,46668	-11,53332
NSE médi-alto e alto	Nível sócio-económico baixo	67,50000*	7,279999	,000	53,18477	81,81523
	NSE médio	21,50000*	5,068547	,000	11,53332	31,46668

*. The mean difference is significant at the .05 level.

Anexo 11

Teste-*t* – EASAVIC Escala Global e Sexo

Tests of Normality

		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
EASAVI Escala Global	Masculino	,053	199	,200*	,980	199	,007
	Feminino	,055	210	,200*	,960	210	,000

*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

Test of Homogeneity of Variance

		Levene Statistic	df 1	df 2	Sig.
EASAVI Escala Global	Based on Mean	,198	1	407	,657
	Based on Median	,229	1	407	,633
	Based on Median and with adjusted df	,229	1	403,028	,633
	Based on trimmed mean	,223	1	407	,637

Group Statistics

Sexo do filho (Estilos e Aliança Parental)		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
EASAVI Escala Global	Masculino	200	203,98	35,578	2,516
	Feminino	186	202,74	28,907	2,120

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
EASAVI Escala Global	Equal variances assumed	6,442	,012	,374	384	,709	1,238	3,314	-5,278	7,755
	Equal variances not assumed			,376	377,294	,707	1,238	3,290	-5,230	7,707

Anexo 12

Teste de Wilcoxon-Mann-Whitney – IAP Escala Global e Sexo

Ranks

1.Sexo		N	Mean Rank	Sum of Ranks
IAP Escala Global	Masculino	192	196,51	37730,50
	Feminino	182	177,99	32394,50
	Total	374		

Test Statistics ^a

	IAP Escala Global
Mann-Whitney U	15741,500
Wilcoxon W	32394,500
Z	-1,657
Asymp. Sig. (2-tailed)	,097

a. Grouping Variable: 1.Sexo

Anexo 13

Teste de Wilcoxon-Mann-Whitney –EASAVIC Escala Global e Sexo Filho

Tests of Normality

Sexo do filho (Estilos e Aliança Parental)	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
EASAVI Escala Global	,081	200	,003	,952	200	,000
Feminino	,046	186	,200*	,989	186	,145

*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

Test of Homogeneity of Variance

		Levene Statistic	df 1	df 2	Sig.
EASAVI Escala Global	Based on Mean	6,442	1	384	,012
	Based on Median	5,502	1	384	,020
	Based on Median and with adjusted df	5,502	1	358,981	,020
	Based on trimmed mean	5,902	1	384	,016

Ranks

Sexo do filho (Estilos		N	Mean Rank	Sum of Ranks
EASAVI Escala Global	Masculino	200	199,49	39897,50
	Feminino	186	187,06	34793,50
	Total	386		

Test Statistics ^a

	EASAVI Escala Global
Mann-Whitney U	17402,500
Wilcoxon W	34793,500
Z	-1,093
Asymp. Sig. (2-tailed)	,274

a. Grouping Variable: Sexo do filho
(Estilos e Aliança Parental)

Anexo 14

Teste de Wilcoxon-Mann-Whitney – IAP Escala Global e Sexo Filho

Ranks

Sexo do filho (Estilos		N	Mean Rank	Sum of Ranks
IAP Escala Global	Masculino	188	187,36	35223,50
	Feminino	180	181,51	32672,50
	Total	368		

Test Statistics ^a

	IAP Escala Global
Mann-Whitney U	16382,500
Wilcoxon W	32672,500
Z	-,527
Asymp. Sig. (2-tailed)	,598

a. Grouping Variable: Sexo do filho
(Estilos e Aliança Parental)